ANO I
Cr$ 1,00
NUMERO 22
SEXTA-FEIRA
25-6-42

MOMENTO Feminino

A DANÇA.

LINGUAGEM DE TODOS OS TEMPOS

O Ballet da Juventude

(TEXTO NA 4ª. PAGINA)

COLABORAM

ALICE TIBIRIÇA
ARCELINA
CÉLIA
DANILO PERESTRELO
ENEIDA
FLAVIANO PEREIRA
JORGE DE LIMA
JOSÉ MORAIS
LAURA AUSTREGESILO
MARIO LAGO
NICE FIGUEIREDO
OSCAR MEIRA
SILVIA

FIGURINOS DE "ELLE"

BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

A mulher na luta em defesa do petróleo nacional

De ALICE TIBIRIÇÁ

A luta pelo petróleo começa a sair do campo experimental para o da economia, acordando a cobiça dos grupos interessados em obstar a exploração dêsse precioso líquido pelo govêrno brasileiro. Ora, govêrno e povo, num país de verdadeira democracia, consubstanciam-se numa só expressão de defesa de tudo aquilo que produz confôrto, confiança, educação e libertação econômica — esta última, de origem e esteio do bem-estar de todos. Fora disso, não há argumentos capazes de iludir o povo.

O caso do petróleo é típico. Merecê de tenaz e eficiente esfôrço, descobrem os brasileiros o óleo que muitas autoridades diziam não existir no Brasil. Exultou o povo. Sabiam todos que petróleo representa dinheiro. Viria pois, época mais folgada? Iríamos conhecer dias menos penosos? Contra essa esperança levantam-se, no entanto, outras vozes prenunciando a nossa incapacidade de explorar o nosso óleo.

A essa altura, com quem ficará o govêrno? Com o povo que o elegeu ou com aquêles que procuram canalizar para os "trusts" internacionais a riqueza de nossas jazidas?

Vejamos o que acabamos de afirmar numa rapidíssima análise do Estatuto do Petróleo, projeto de lei diz, entre outras coisas:

> De início e até que se atinja o nível atual de abastecimento interno (40.000 barrís diários), 40% de capital estrangeiro serão permitidos.

Depois disso, podem os "trusts" dominar tudo, com 100% de seu capital. As concessões são previstas para 30 anos, podendo êste prazo ser prorrogado por mais 10. E depois ainda:

> "No caso de resolver o C.N.P. prosseguir na lavra por contrato novo, concessão ou arrendamento, será dada preferência em igualdade de condições, ao antigo titular".

Como petróleo é coisa que acaba, concederemos tudo e por todo o tempo a empresas estrangeiras! E, no fim, já sem dinheiro, pagaremos 50% das despesas aos concessionários! (artigo 1º § 3.º). Em troca dêsse absurdo, as empresas nos pagariam taxas de aproveitamento menores que as que pagam à Venezuela, esmagada economicamente pelos "trusts", com uma população analfabeta de 90%. Sôbre a Venezuela, diz John Gunther, em "O Drama da América Latina":

> "A gente pode até perguntar, com propriedade, *como vive a massa popular*. A resposta será *que ela não vive*. A Venezuela, o *país, é rica*. O *grosso do povo é o mais pobre que já vi*". (O grifo é meu).

No entanto, a Venezuela é o terceiro país entre os maiores produtores de óleo do mundo (figura depois dos Estados Unidos e da União Soviética) e o primeiro exportador do mundo, esclarece ainda o mesmo jornalista americano.

O general Horta Barbosa afirma que com 750 milhões de cruzeiros compraremos duas refinarias, cujo lucro, em dois anos, permitirá a compra de mais outras. Precisamos de quatro refinarias para o nosso abastecimento. Daí por diante, o próprio lucro das refinarias será suficiente para o prosseguimento de novas explorações e refinaria do óleo bruto.

Como, pois, querem fazer crer que não temos dinheiro para explorar o que nos pode enriquecer, se muito mais do que isso podemos emprestar a emprêsas ricas?

Na defesa do que é nosso estarão tôdas as mulheres conscientes de seus deveres, pois sabem que só assim garantirão melhor habitação, alimento e educação para os seus filhos. Conhecem algumas a aspereza da vida. Nas Uniões e associações femininas, grande tem sido a luta contra a carestia. A mulher estudou as causas do sempre crescente aumento no custo da vida. Aprofundou seus conhecimentos. Foi ao amago das questões e, por isto, estão ao lado dos que defendem a tese do general Horta Barbosa. Sabem que a entrega do nosso petróleo aos trusts internacionais é acorrentar as suas fatigadas mãos a novas formas de trabalho pesado. Sabem que isso significa mais miséria e mais fome para os entes pequeninos que começam a viver e já sentem o duro pêso de um destino ingrato. Conhecem elas o exemplo dos povos economicamente fracos e sabem que o Brasil, na América do Sul — a maior potência em extensão territorial e em população — apresenta, pelo seu passado e pelo seu presente, as características de uma nação que não se desvia do caminho traçado que o levará a seu alto destino. A Argentina, há pouco tempo, anunciou a sua completa libertação econômica. O Uruguai caminha para o mesmo fim. Ficaremos nós — o colosso da América do Sul — acorrentados? Claro que não. A união faz a fôrça. Mulheres do Distrito Federal e do Brasil! Sobretudo às dedicadas e nobres mães de família, envio o meu apêlo: Organizem-se para a grande luta em defesa do petróleo nacional. Em suas associações, em seus bairros, em seus colégios, em seus locais de trabalho, formem comissões especiais de ajuda àqueles que aceitaram a nobre tarefa de garantir o *nosso petróleo*. Levemos a nossa adesão ao Centro de Estudos e Defesa do Petróleo (av. Rio Branco, 128, 1.º andar), que tem como um de seus esteios um nome que o Brasil de hoje respeita e o de amanhã cultuará: General Horta Barbosa.

TERNURA HUMANA

Donativos feitos à Comissão de Ternura por Dra. Kaminitz, Sra. Lígia e Dr. Barbosa da Cruz:

PARA SENHORA: — 2 pullower de lã — 3 saias de algodão — 1 blusa de algodão — 4 vestidos de algodão — 2 vestidos de seda — 1 costume de seda — 2 calças.

PARA HOMEM: — 6 pares de meias — 1 terno de casemira — 1 terno de linho — 1 blusão — 1 camisa de lã — 2 cuecas — 2 cintos — 1 par de sapatos — 7 camisas — 1 cueca — 1 par de meias de lã — 2 pares de meias.

PARA CRIANÇAS: — 3 lençois de flanela — 1 macacão de flanela — 1 macacão de meia — 1 calça de pijame de meia — 1 camisa de meia — 1 blusa de lã.

PARA MENINA: — 1 vestido de algodão.

Recebemos também uma grande quantidade de medicamentos.

Dos donativos recebidos foram entregues para a Sra. Laudelina Pereira: — 3 lençois de flanela para criança — 1 macacão de flanela — 1 macacão de meia — 1 calça de pijama de meia — 1 camisa de meia — 2 blusas de lã, uma para criança e outra para senhora.

A Comissão de "Ternura Humana" recebe donativos à Avenida Rio Branco, 257 - 7.º - sala 715.

Nossos problemas

ARCELINA

Todos nós, que temos atividades diárias e estamos transitando pelas ruas da cidade enfrentando o difícil problema de condução, temos notado nestes últimos dias um grande movimento de estudantes ao nosso lado nas filas ou repletando os bancos dos bondes, indo e vindo de todos os bairros. São crianças e jovens em plena atividade de provas. Gente miuda dos cursos primários, ginasianos, futuras professoras, universitários, essa parte da infancia e adolescência, que consegue ainda estudar e que vem de concluir os primeiros exames, todos desejosos das férias do meio do ano.

Nós, que temos levantado por várias vêzes a real situação escolar brasileira, vamos hoje ligar êsse problema a outro, que constitui uma preocupação permanente a tôdas as mães.

Sabemos como vivem nossas crianças pobres, em virtude das condições da nossa organização social e da estrutura econômica do país: sub-nutridas, doentinhas — se escapam à morte prematura — franzinas, sujeitas a contínuas síncopes.

Após as provas vêm as férias e o justo seria que tôdas pudessem gozá-las fora da cidade, onde brincassem em liberdade absoluta, comessem bem e sentissem muita alegria, que talvez não puderam sentir durante o meio ano de trabalho escolar.

Entretanto, lamentàvelmente não temos Colônias de Férias gratuitas para tôdas as nossas crianças, para aquelas que quisessem e que delas necessitassem e ficam, assim, privadas de gozar o confôrto indispensável a uma reabilitação organica, a fim de bem enfrentarem o segundo período do ano.

Eis um problema sério, que todos devemos encarar com todo carinho.

Sabemos que 64.500 criancinhas em idade pré-escolar ganham as férias mas não têm onde gozá-las, se suas famílias não dispuserem de recursos financeiros; 3.300.000, de 7 a 12 anos ficam nas mesmas condições, sem contar com os dos cursos secundários e superiores, também necessitados dêsse descanso.

Quem pode fazer estação, ir a Minas, aos campos e às fazendas?

Sòmente filhos dos ricos.

E só êsses têm direito ao repouso, à alegria, ao bem-estar? Claro que não. Tôdas as crianças, indistintamente, merecem férias, gozo, diversões, vida ao ar livre com boa alimentação e assistência geral.

Colônias de Férias, é, pois, mais um problema para as mães. É uma necessidade que deve ser atendida com urgência, porque é um benefício á nossa infancia, á nossa juventude.

O essencial é que compreendamos o valor dessa instituição e passemos a levantar permanentemente a geral situação calamitosa da infancia brasileira, exigindo dos poderes publicos medidas de amparo em todos os sentidos.

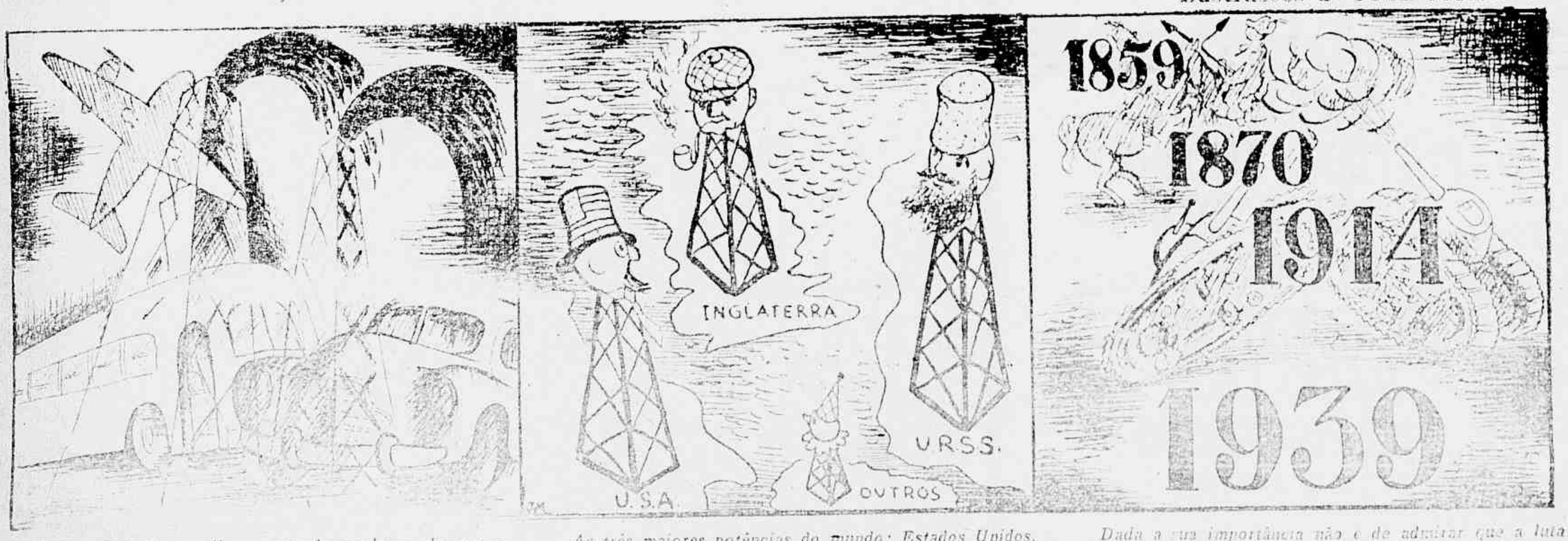
O zêlo pela infancia é dever de todos mas, ninguém melhor do que as mães deve enfrentar êsse dever corajosamente, com a consciência de que estará preparando uma mocidade sadia e feliz.

Anunciem em

"MOMENTO FEMININO"

BREVE HISTÓRIA DO PETRÓLEO

Ilustrações de JOSÉ MORAIS



Nada simboliza melhor o mundo moderno do que o petróleo. Ele é energia. Sem êle o mundo pararia. Aviões, navios, trens, usinas elétricas, fábricas, etc., não poderiam existir sem o petróleo. Por isso mesmo êle é o mais ambicionado produto da terra: quem o possui pode dispor de seu próprio destino.

As três maiores potências do mundo: Estados Unidos, Rússia e Inglaterra controlam quase 96% do petróleo mundial. E uma das causas da derrota de Hitler foi ter esgotado suas reservas de petróleo.

Churchill disse uma vez: "O petróleo é a chave da paz e da guerra".

Dada a sua importância não é de admirar que a luta pela posse do petróleo tenha despertado os mais violentos choques e as ambições mais sangrentas que a história registra.

Essa luta teve início desde o primeiro dia, em 1859, quando o coronel Drake, um empreendedor aventureiro americano, fez jorrar petróleo nos campos da Pensilvânia.

ELIAS ANTONIO ELIAS

Conto de Flaviano Pereira Ilustração de OSCAR MEIRA

Elias Antônio Elias quando chegou em Belém, começou a vender gergelim, sabão e fósforo. Viera num porão de navio desde o Bósforo.

Nesse tempo a caixa de fósforo custava um tostão. Elias Antônio Elias vendia a retalho, vintem, dois vintens.

A caixa de gergelim, em forma de charão era dividida em quadrinhos riscos feitos com uma faca imunda, ferruzenta e velha.

Nesse tempo a Saúde Pública preocupava-se mais com a febre amarela, — impaludismo era sôna. Fechava as casas suspeitas tapava com papel e goma tôdas as fendas e buracos. Depois as velas de enxofre levavam dois dias queimando. Todo o quarteirão sofria as conseqüências. Os moleques quando os guardas abriam as casas interditas ficavam admirados com a quantidade de ôsos baratas e ratos mortos. Brincavam com os ratos meios doidos que haviam escapado e subiam nas trazeiras dos carros de luxo puxados por cavalos bonitos. O médico nunca saltava. Olhava de longe para a casa esfumacada. As suas botinas de couro de camurça e polimento, descansavam nos capachos felpudos e macios.

Quando o carro saía levava sempre dois moleques seguros na trazeira. O resto da moleca gritava para o cocheiro. Êle, com um enorme chicote espantava os moleques e chamava nomes.

Porém, tão baixos, quem nem os moleques e nem o médico ouviam.

— Balita barata! Balita barata!...

Era Elias Antônio Elias, com o seu corpo fino, nariz de papagaio, queixo comprido e rosto sardento. Os seus sapatos eram

tirados das latas de lixo e arrumados num canto de um sórdido quarto onde dormia. Mais de vinte sapatos havia. Elias Antônio Elias calçava-os aos pouros sem reparar côr ou tamanho. Só largava um quando este não segurava mais bem amarrado, nos pés. A gente podia dizer que eram os sapatos que abandonavam o turco. Então começava a sua escolha no monte. Depois de um exame demorado e meticuloso, acabava escolhendo sempre os mai svelhos. A calça nunca passava dos joelhos, ia estreitando cada vez mais. A camisa e a blusa há muito não podiam dizer qual a côr. As mãos e as unhas eram negras e sujas..

— Balita barata! Balita barata!...

Os moleques cercavam o turco. Elias Antônio Elias sofria tôdas as maldades deles. Nunca aborrecia-se. Mas vendia o seu gergelim aos pedacinhos à turma de marotos que fazia coleta. Os vintens muitas vezes roubados dos patrícios serviam para o turco. Êles lambiam com delícia os pedaços de gergelim sem perguntar onde eram feitos e como. Também nunca procuravam descobrir a fábrica do seu freguês. As vezes ficavam os pedaços seguros nos dentes e um procurava tirar do outro, trocando, rindo daquela coisa nojenta.

Quando a caixa esvasiava, Elias Antônio Elias passava o dedo e reunia todo o mel restante para um dos pedaços e lambia a parte mais limpa.

O almoço era sempre banana e farinha. Comia calmamente de pernas cruzadas à sombra das mutambeiras da 14 de Março: parecia estar saboreando a comida gostosa de algum hotel. O seu olhar era manso, lastimàvelmente humano. Não havia no seu rosto sujo e barbado um sinal de maldade, de ódio ou inveja.

— Balita barata! Balita! Balita!...

Com pouco tempo deixou os fósforos o selim e o taboleiro de gergelim. Andava com a mesma roupa, o mesmo sapato, mas a caixa era outra. Agora vendia fitas, bordados. Em fêque-fêque. Dois pauzinhos batendo pelas ruas.

Um dia desapareceu de Belém e surgiu em Cará-Cará, no Maniá.

Meio-dia. Na estrada da "Seringueira", debaixo de uma grande árvore, estava o turco. Jogava cartas mas parecia jogar e falar sozinho:

— Son Benedito tá de azar. (O turco ria e dava as cartas.)

— Bardeu de novo.

Em sua frente estava uma imagem pequena e negra de São Benedito. O turco jogava com o santo. Durante a manhã, andava de casa em casa pelo campo, pedindo esmolas. Contava os milagres do santo e foi criando em tôrno do protetor dos negros uma convicção de fé à custa daquela gente supersticiosa e crente.

O turco deu as cartas.

— Beja as suas, santo.

Êle mesmo mirava tôdas as cartas:

— Cinco bontos. Béça, São Benedito, béça. Eu com cinco bontos não ficava. Nem que não fôsse santo. Eu bedia até de seis.

Conforme ia falando, ia pedindo as cartas e virando-as:

— Esbocou! Non béço cartas...

Todo o dinheiro das esmolas passava para os bolsos do turco. Achava aquilo lícito.

Almoçava qualquer coisa quase sempre pedaços de carne que lhe davam e dormia a sôno solto. O dia estava ganho.

Depois, êle mesmo fabricava os santos. Fazia-os de jurumú ou casca de tapereba. Pintava-os, enfeitava fitinhas de côres e os ia vendendo a todo mundo.

Pouco tempo depois começou a comprar gado a trôco de mercadorias. Andava com uma enorme caixa, presa por correias às suas costas. Aí tinha tudo. Num cavetão, garrafas sem sêlo, cheias de cachaça. Quase não vendia. Era para servir os seus freqüeses. Passou assim fortunas para as suas mãos.

Na estrada da "Seringueira" surgiu uma casa de comércio. "Casa São Benedito". Ainda era a sociedade entre Elias Antônio Elias e o santo.

— Você, combadre, não tem mais saldo.

— Quanto devo, seu Elias?

O turco começou a fazer a conta:

— Ein, ein, ein!... 6 e 8 vinte e quatro e seis quarenta e dois. Ah! combadre, você ainda tem três mil réis...

— Então me dê uma garrafa de cachaça, combadre.

Foi assim que o turco ganhou os terrenos da "Seringueira". O ex-proprietário pagara terrivelmente a hospedagem dada ao turco. Agora era Elias Antônio Elias, o dono de tudo. Tomara conta também da comadre.

Hoje, Elias Antônio Elias depois de ser chefe político e homem influente na região, está em Belém com um grande armazem de molhados. É o retorno, o seu retorno. Mas com muito dinheiro, muito mesmo. Tem dado muita fiança para empregados públicos honestos. Mas, na sala, num altarzinho iluminado dia e noite por lâmpadas multicores, vê-se uma imagem de São Benedito. É a mesma que andava pelos campos de Maraió com Elias Antônio Elias.

ESSE VELHO S. JOÃO

ENEIDA

Nós, do Norte não esquecemos que S. João fêz parte de nossa infância, de nossa juventude, e mesmo que envelhecemos com o calor de fogueiras que fazem compadres e comadres, de castanhas que pulam quentes, de munguzás comidos em cuias, das festas caipiras dos ramos de jasmim, dos Bois-bumbá. Gostarei de falar hoje na noite de S. João da minha terra num saudosismo talvez piegas, mas — perdoai e deixai-me ser por um momento uma senhora que relembra. Vocês já ouviram falar em banho de cheiro? Isso acontece no Pará um Estado brasileiro que foi rico, e hoje é tão pobre, tão pobre, que nem luz tem, nem bondes tem. Nada tem. Mas hoje, neste 24 de junho, aquela gente que nada tem amanhece o dia ouvindo nas ruas o grito de homens que vendem em grandes taboleiros, "cheiro-cheiroso! São plantas, folhas raízes, que raladas, esmagadas ou feridas dão um perfume primitivo e agreste de mata virgem, de higiêne total, de pureza absoluta. Compram-se hervas. No meu tempo elas custavam barato. Hoje sei lá, com essa vida de preços altos. Mas tenho esperanças que a C.C.P. não se meta com as hervas de cheiro de minha terra. Então prepara-se o banho. É um hábito que nos vem desde os primeiros tempos desde quando não sei. É o banho da felicidade. Cheira tanto, e é tão bom. Deve ser tomado à meia noite, e depois dele, dizem as lendas, o melhor é vestir roupa muito limpa ou roupa muito nova. Porque, infàlivelmente, ele trará felicidade e não terá efeito se a roupa fôr aquela que já assistiu a dores ou sofrimentos. Não discutirei a força desse banho nem creio que ele modifique nossas vidas em choque e em luta. Mas é uma das práticas mais deliciosas que conheço. E o cultivo sem marcar data, sem pensar nos benefícios. Gosto de receber garrafadas que velhos amigos ainda me mandam de presente. Banhos de cheiro preparados com patcholi e pó de Angola. Pedacinhos de madeira ainda ficam no fundo da garrafa; fazes de banquilha parecem cobras no álcool.

Também nos velhos tempos havia bruxas mas não cegavam crianças, não matavam meninozinhos, não prejudicavam ninguém. Eram histórias soltando bolas de côr eram estrelinhas na ponta de um pau, eram lágrimas vermelhas, azuis, amarelas. Nas festas corria o munguzá que é a canjica do sul muito mais grossa, com leite de côco e côco ralado.

Nesta cidade nunca senti realmente S. João. Mas o meu bairro chamado granfino está tomado pela guerra. Fico olhando o relógio e contando as horas que essa guerra dura. São bombas imensas que arrebentam desde manhã cedo. O barulho é tremendo. Os transeuntes leram nas bernas sinais da guerra. Num sentido político e num sinal humano neste S. João carioca. Cabeças de negro, bombas atômicas são os brinquedos sútis, deste S. João civilizado. Esta pobre crônica é escrita sob o acaso da luta.

Uma pergunta aflita meu velho sentimentalismo: estará a minha velha Belém tão rica ontem e tão pobre hoje assim também aquecida e em fogo? Terão os adrianinos tomado conta do banho de cheiro?

Mandarei um bilhete a Dalcídio: — você não acha que naquele bairro da Pedreira, daquela gente que trabalha tanto. S. João ainda tem banho de cheiro e munguzá? Ainda tem Boi-bumbá? Ainda tem jasmins nos cabelos das curibocas? Ainda é motivo para lundus?

Na minha rua a guerra continua.

EDIÇÕES MINIATURA

Em volumes pequeninos, os chamados "de bolso", vem as Edições Miniatura espalhando livros de valor: Deram-nos *Iracema* de José de Alencar, *A Sonata a Kreutzer* de Tolstoi, *Contos Escolhidos* de Machado de Assis, *Foia de Sebo* de Maupassant

Os editores de Miniatura consideraram que pelo tamanho suas publicações servirão às angustiantes horas de espera na fila dos ônibus, nas filas para tudo que afinal hoje em dia só existem filas. E tem razão. As casas ou apartamentos são minúsculos, daí uma edição Miniatura não causar transtorno. Tudo isso foi considerado pelos editores, daí o tamanho dos livros que afinal são joias.

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

UM POUCO DE RADIO

CARTA ABERTA A UMA FAN

MÁRIO LAGO

Minha boa amiga. Calma... Não lhe vou falar da fotografia que você pediu. Ela irá a seu tempo. Vamos começar conversando sôbre o papel que você pode desempenhar no desenvolvimento e no aperfeiçoamento do rádio. E' preciso que eu lhe diga, para evitar mal entendidos, que é muito agradável quando você nos pede um retrato autografado. E' um prazer imenso, comovente quase, ler os elogios que você às vêzes faz à nossa voz. Você não pode calcular com que alegria se lê: "ao jovem rádio-ator... ou cantor...". Esse "jovem" é uma verdadeira delícia!

Mas isso não chega, minha boa amiga. Embora você não saiba, e talvez nem nunca tenha pensado nisso, seu papel no rádio é muito mais importante do que o de simples mendiga de retratos e distribuidora de adjetivos mais ou menos melosos a respeito da voz de seu artista preferido. Você talvez tenha ficado espantada por eu dizer "seu papel no rádio". Mas não se espante, não. Você faz parte do rádio, você desempenha um papel no rádio. E o desempenha justamente escrevendo cartas.

E assim chegamos ao objetivo de minha resposta de hoje: as suas cartas. E sôbre isso eu quero dar-lhe alguns conselhos para que você cumpra melhor sua finalidade em relação ao rádio.

Sempre que você escrever ao seu artista preferido, pense que, quando êle abre sua carta, espera ler alguma coisa mais do que um pedido de fotografia ou algumas referências à sua voz "que faz a gente pensar numa porção de coisas".

O que o artista mais gosta de conhecer é a opinião do ouvinte sôbre seu trabalho, suas interpretações. No teatro o artista sabe imediatamente como está saindo seu trabalho, pois tem a platéia à sua frente, reagindo bem ou mal. No rádio a platéia é você. Platéia que êle não vê e cujas reações só vem a conhecer através das cartas que recebe.

Há um velho ditado que diz "errar é humano". Logo, o artista sendo humano está sujeito a erros. Há momentos mais felizes no seu trabalho, há papéis em que êle vai melhor, há personagens em que êle não se sente tão bem. Mas você, minha boa amiga, pertence à categoria das fãs incondicionais, fica embevecida a tal ponto com a voz do seu artista preferido, que não analisa o seu trabalho, não observa se êle stá bem ou mal no papel que está vivendo. E quando lhe escreve não lhe transmite impressões dessa natureza, não lhe fornece material para se corrigir e se aperfeiçoar, não lhe dá o necessário estímulo de palavras de críticas, que não sejam sòmente "você é formidável", "você é o tal!".

Francamente, minha boa amiga, isso é conspirar contra o rádio, é conspirar contra o aperfeiçoamento de nós, que vivemos no rádio. Nós precisamos principalmente de sua opinião, de suas sugestões.

Portanto, minha boa amiga, antes de escrever para seu artista predileto, pense na sua parcela de responsabilidade no desenvolvimento do rádio. Peça a fotografia, gaste todos os adjetivos sôbre a voz de seu "tal"... Mas não se esqueça que o mais importante de sua carta para êle é a sua opinião sôbre seu trabalho, são suas sugestões para que êle se corrija, seu estímulo para que êle se aperfeiçoe. Se êle não lhe agradar num certo papel (não apenas porque faz o papel de mau, quando de habitualmente faz o papel de bonzinho, mas porque está realmente representando mal), escreva-lhe dizendo onde, na sua opinião, êle não vai bem, porque você acha que não vai bem e êle só terá a lucrar artisticamente com isso pois procurará melhorar seu trabalho e adquirirá a consciência de que não está no rádio apenas para encher albuns de fotografias.

Pense sempre antes de escrever: "Eu vou ajudar o rádio".

E eu lhe aperto a mão agradecido por isso.

MÁRIO LAGO

Esta seção já se acha aparelhada para fornecer informações sôbre artistas, sôbre rádio em geral, bem como providenciar o envio de fotografias. Basta que os interessados se dirijam a MOMENTO FEMININO, Seção de Rádio, Av. Rio Branco, 257, 7.º andar, sala 715.

Agradecemos outrossim quaisquer sugestões que contribuam para fazermos desta seção um motivo de interêsse para nossos leitores.

OUTRAS NOTÍCIAS

FILMES POLONESES:

A Cruz Vermelha Polonesa no Brasil realizou domingo passado uma projeção de filmes poloneses de curta metragem na sala da ABI. Infelizmente não pôde ista cronista comparecer, esperando poder aplaudir o cinema da Polônia, numa outra oca-

—o—

Charles Boyer está em Paris, depois de 10 anos de ausência. Vai estrelar um filme em Londres e voltará depois para Hollywood.
são.

—o—

Nesta semana os cartazes estão com predominancia de filmes misteriosos e policiais. Tristes cartazes.

—o—

Madame Bovary filme argentino continua no cartaz, tal o sucesso que vem obtendo. E bem que o merece.

—o—

Joel Silveir numa reportagem conta-nos os novos trabalhos dos Cineastas que estão preparando um filme. Os vencedores de "Uma aventura aos quarenta" têm sérias responsabilidades e dos planos que traçaram, consta o de rodar um filme por ano. E' uma boa esperança para o cinema nacional.

Ruy Santos como câmera-man e cenarista está filmando "Estrela da manhã", enredo de Jorge Amado. Outra grande promessa e esperança.

E. M.

MUSICA MAESTRO! — Chamaria êste filme "decepção" e, estou certa que seria o seu nome melhor. Nunca Disney conseguiu descer mais na sua arte do que neste filme que mais parece um alinhavado de retalhos. Salva-se alguma coisa, é claro: "Pedro e o Lobo", de Prokofief, e os dois números de música americana, se bem que no jazz haja uma repetição de um velho trabalho de Disney, e no swing fale mais alto o valor da orquestra. O resto é positivamente lamentável considerando, principalmente, aquela opinião de Lucien Wahl, técnico em cinema que considera o desenho animado como a expressão mais alta do cinema falado e sonoro. Depois há ainda as passadas realizações dessa forma de arte que desde Raynaud, seu criador, antes da invenção propriamente dita do cinema e de Emil Cohl franceses ambos, até o desenho animado da União Soviética que a crítica mundial considera maravilhoso e que infelizmente a eterne censura brasileira nunca nos deixou assistir.

Walt Disney é um dos maiores nomes do cinema mundial e criou mesmo uma indústria com os seus desenhos. Deu-nos no passado, obras de grande valor. Quem esqueceu "Pinochio", ou "Branca de Neve", ou mesmo "Fantasia"? Disney é ainda o criador daquele irritadíssimo Pato Donald, daquela simpaticissimo "Pluto", de um mundo que tanto faz bem não só as crianças como a todos nós. Tudo isso faz com que não compreendamos esse "Música Maestro" que tem ainda para torná-lo pior uma doublagem muito ruim. No idílio dos chapeus a pieguice é acrescida violentamente pelos nossos cantores nacionais e sente-se violentamente a maneira como foi feita a doublagem. Tão violenta que se deseja separar imediatamente a — digamos assim, — tradução do filme; a canção do desenho. Talvez sem a doublagem, ganhe o filme como cinema já que como desenho é inexpressivo e sem valor.

O Ballet da Juventude

Um estudioso do "ballet" afirma, em seu livro sôbre a dança, que a arte de dançar tem grande significação para os nossos dias, pois é uma arte expressiva que não tem o problema da linguagem.

O idioma do "ballet" é universal. Todos os povos podem enviar a outras terras suas mensagens de paz, de alegria e também podem contar suas tristezas, dançando apenas.

Mas a mensagem de um povo não é a palavra de um medalhão ou de uma estrêla, daí a necessidade das escolas de dança, de cursos que reunam em pé de igualdade elementos de procedências diversas, agrupando valores diferentes, que transmitam suas mensagens de maneira variada, mas que traduzam, sempre, o espírito de um grupo. Assim é o Ballet da Juventude, que Sansão Castelo Branco, Carlos Leite e Jacques Consueil idealizaram, sentados á mesa da Americana. O Ballet da Juventude, hoje é uma realidade porque Castelo Branco lhe deu vida e, artistas como o saudoso Yuco Lindberg, Marila Grêmo, Waslav Weltcheck, Olenewa, T. Leskowa, Grigorieva, Madeleine Rosay e Carlos Leite apoiaram a iniciativa. O primeiro, quer participando ativamente das realizações, quer contribuindo com elementos de suas prôprias escolas.

A fôrça do Ballet da Juventude reside, sobretudo, na sua finalidade e na sua diretriz geral: "ser uma escola experimental para os jovens artistas de dança e dar aos trabalhos a serem apresentados, uma atmosfera nacional, no sentido do aproveitamento de nossas histórias, nossos poetas, musicos e decoradores".

Muitos são os planos do Ballet da Juventude, todos êles com o objetivo imediato de valorizar e

Uma composição coreográfica

tornar conh... ... ... nossa terra, e quem sabe, mais tarde, levá-lo a outras terras.

Os espetáculos a serem apresentados serão de categorias diversas, como os espetáculos financeiros, com os quais o grupo assegurará a sua manutenção já que não merecem do govêrno apoio eficaz, os espetáculos artísticos apresentando trabalhos novos e valores novos e por fim os educacionais de duplo objetivo: educar os elementos do próprio "ballet", pela apresentação a diversos publicos e sobretudo educar as platéias por meio de programas leves, de fácil entendimento, para a divulgação da arte de dançar. É preciso alargar o publico da dança. Estendê-lo dos "baletônianos" ao homem da rua.

Os espetáculos educacionais serão, por isso, realizados em quartéis, praças publicas, escolas e hospitais.

A cargo de Marila Gremo e Walav Weltchenck atuais professores da escola, está a realização desses planos, o que nos dá certeza dos bons resultados.

Nenhuma data precisa foi marcada para o início da temporada que nos apresentará novamente o Ballet da Juventude.

Possivelmente será apresentado para os IX Jogos Universitários, na Semana da Pátria em Curitiba. O importante é que o "Ballet" possa trabalhar e atingir os seus fins, e para isso necessita do indispensável apoio de todos aqueles que sentem o desejo, de ver divulgados os nossos motivos e de, mais tarde, também ser transmitidas a todos os outros povos as nossas mensagens pela admirável arte de dançar.

CRECHES

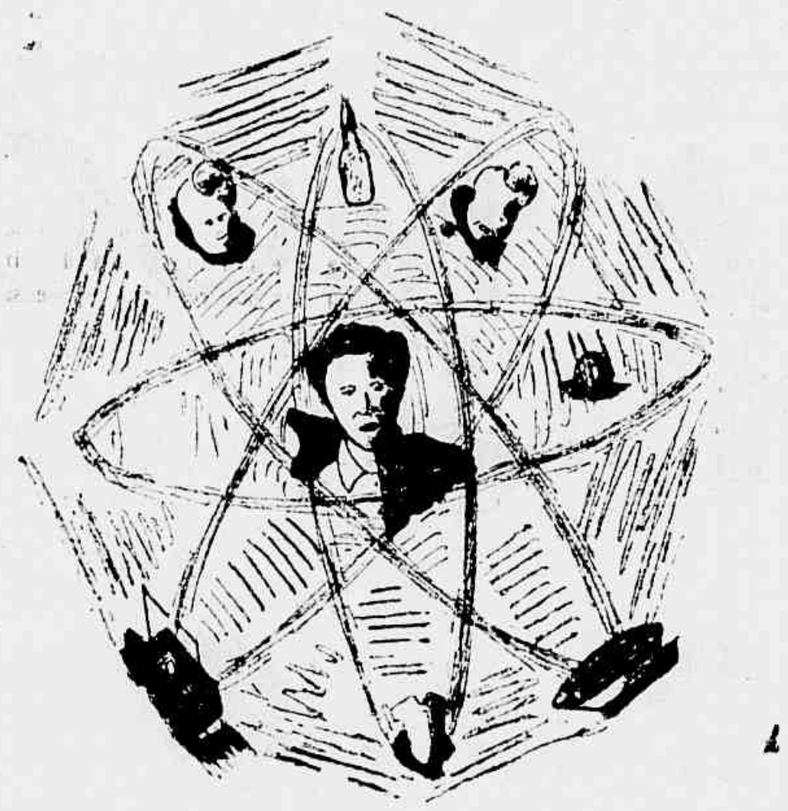
LAURA AUSTREGÉSILO

Ao ver os luxuosos edifícios dos Ministérios da Educação, da Fazenda ou do Trabalho, a vasta área por êles ocupada, ao saber das verbas gastas com a sua construção e manutenção, seria lícito imaginar-se que o govêrno, ao mandar construí-los, cuidara do confôrto e bem-estar dos servidores que ali trabalham.

Puro engano! Poderíamos apontar provas patentes do descaso governamental, a começar pelos restaurantes (quando os há). Mas isso nos levaria muito longe, e o espaço é curto. Ressalto apenas uma, da máxima importância e interêsse para as mulheres, e que, no entanto, nenhuma providência mereceu até hoje das autoridades. Refiro-me às creches.

Técnicos ou pseudo-técnicos foram aos Estados Unidos estudar o que pomposamente chamam "racionalização dos serviços". Alguns, se não me engano, lá passaram 2 anos. Que foram à custa dos cofres nacionais, isto é, à custa do dinheiro do povo, nem se precisa dizer. E nos projetos de construção dos prédios suntuários, em que centenas de milhares de contos foram despendidos, enquanto a cidade continuava esburacada, sem hospitais, sem escolas, sem casas, sem transportes, os técnicos cuidaram, com tôda meticulosidade, de várias coisas: amplos salões, banheiras de onix, grandes painéis, estátuas, belos azulejos. Tudo muito bem. Ninguém pode ser contra as obras de arte. Elas são quando nada, um prazer para os olhos, pelo menos para os olhos dos felizardos a quem é dado vê-las. Mas, quanto às creches, nada!

Quando aprovou os projetos de construção, o govêrno estava farto de saber que nesses ministérios, como em tôda a parte aliás, trabalham centenas e milhares de mulheres. E se os famosos técnicos tivessem alguma capacidade de previsões, saberiam que o número de mulheres que trabalham só tende a aumentar, dadas as inevitáveis e sempre crescentes dificuldades da vida. E que, além disso, a mulher casa, tem filhos, precisa criá-los. Por outro lado, há ainda um pormenor que era (ou deveria ser) sobejamente conhecido,



tanto do govêrno quando dos técnicos: não é de hoje que a Constituição manda amparar a maternidade e a infância.

Mas, por descaso, cegueira, incapacidade para resolver os problemas mais elementares e essenciais do povo, as autoridades simplesmente ignoram o problema. Nem mais nem menos. A mulher tem filhos? Que os tenha. Precisa criá-los? Que os criem. Como, pouco importa à administração.

Vemos, então, o que? Moças que se casam, que não têm onde morar, os vencimentos mal chegam, na maioria das vêzes, para um modesto quarto, e que se defrontam com o terrível drama que lhes roube o sossêgo. Onde e com quem deixar o filho? Como desmamá-lo, já que é preciso desmamá-lo para retornar ao trabalho? Como poder pagar os produtos que vão substituir o leite materno? O único recurso de que dispõem são os sucessivos pedidos de licença, algumas vêzes concedido, outras negada. E durante as horas de expediente, é comum (e seria anti-natural se assim não acontecesse) a preocupação da mãe. Terão dado a mamadeira à hora certa? Terão fervido o bico? A criança estará agasalhada? Tomou banho? E assim por diante.

A creche solucionaria todos essas complicações.

No final das contas, no pé em que as coisas estão, todos saem prejudicados: a criança, a mãe, o pai, o serviço público, o govêrno mesmo. Tudo isso, devido àquelas belas qualidades acima apontadas e que parecem ser apanágio governamental: descaso, cegueira, incapacidade para resolver os problemas elementares e essenciais do povo.

E' bem verdade que parte da culpa cabe às próprias mulheres. Se estivessem organizadas, se houvessem feito amplo movimento de massas, exigindo dos respectivos ministros a construção, manutenção e constante melhoria das creches, com enfermeiras e médicos especializados, o govêrno teria sido forçado a ceder. O govêrno é sempre forçado a ceder ante a pressão eficaz e unitária das massas.

Tudo não está entretanto perdido. Ainda é tempo das funcionárias organizarem comissões para êsse fim. O problema interessa a tôdas. Muitas talvez nem saibam explicá-lo, sentem-no e não confiam em que haja solução, tão descrentes estão dos poderes públicos, que jamais cuidaram de medida que as beneficiassem realmente. Se, em cada ministério, cada repartição, se fundar uma comissão de creche, na qual se debata amplamente o assunto, explicando-se, com paciência, que a creche é um direito da mulher que trabalha; explicando-se também que sòmente unidas é que a vitória será nossa, que a vitória depende de nós — estou certa de que arrastaremos a maioria ou mesmo a totalidade das mulheres. Então, nada mais restará aos ministros, senão ceder. Cederá, certamente. Que jeito, senão ceder a uma campanha feminina bem organizada? Tudo depende, está claro, da paciência, da persistência, do entusiasmo, da energia, com que nos lancemos nessa campanha.

Unidas, as mulheres podem ser mais perigosas e ofensivas do que os homens. Mais barulhentas, pelo menos, já o são...

Crianças "amordaçadas"

DANILO PERESTRELLO
(De «Almas Infantis»)

Se a criança mimada está fadada a um futuro infeliz, pela falta de treino para a vida e pelas decepções que inevitàvelmente sofrerá, também a educação sujeita a maus tratos está condenada pela Higiene Mental. Referimo-nos àquelas crianças que crescem debaixo de castigos corporais, num lar excessivamente severo ou cujos pais negligenciam sua educação. Tais crianças, às quais, em nosso meio, o professor Artur Ramos denominou "escorraçadas", raramente serão em adultos, pessoas normais.

Sem falar nos danos físicos que os castigos corporais acarretam, as consequências na esfera psicológica são desastrosas.

E na infancia que o individuo forma a sua personalidade e o seu modo de encarar o mundo dependerá sobretudo dêsse período. O grande psicólogo vienense, Alfred Adler, costumava dizer que o quarto da criança é uma pequena instituição social em miniatura. Que idéia a criança escorraçada poderá fazer da sociedade? Ela verá sempre seus semelhantes como inimigos, como individuos hostis prontos a desfeitearem-na em qualquer momento. Dêsse modo, será pessimista, com raros momentos de bom humor, preocupada consigo própria o tempo todo, e o seu sentimento de solidariedade humana será quase nulo.

Daí as reações anti-sociais de tôda a espécie, exibidas pelos individuos que foram escorraçados em pequenos.

Já mesmo na infancia muitas dessas reações são observadas. O Serviço de Higiene Mental da Prefeitura do Distrito Federal recolheu inumeras observações de meninos mentirosos que furtavam, "faziam gazeta", batiam em seus companheiros e cuja causa foi encontrada na educação cheia de punições no lar. A educação escorraçada é uma porta aberta á delinquência. Têm-se verificado, mesmo, certos crimes praticados por crianças — até homicídios — como expressão de uma compensação aos maus tratos de que são vítimas.

A criança deve ser objeto de desvêlo, não com carinhos excessivos e os mimos de todo gênero, tão do agrado dos vovôs e certas titias, mas com o afeto natural de que todo sêr humano necessita.

Casa São João Batista
IRMÃOS SKURNIK
FILIAL:
Rua Voluntários da Pátria, 258
Tel. 26-6124
MATRIZ:
Rua Voluntários da Pátria, 277/279
Tel. 26-7225
Armarinho — Fazendas e Casimiras
Modas — Cama e Mesa — Roupas para Crianças
RIO DE JANEIRO

A Mulher e o Trabalho

NICE FIGUEIREDO

"..." é o título de um livro de OLIVIA SCHREINER.

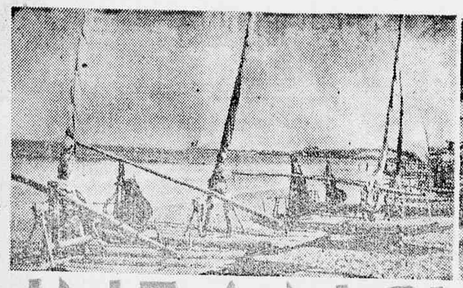
Olivia viveu e lutou pelos direitos da mulher antes da primeira grande guerra. O ambiente em que Olivia empreendeu junto a outras, a campanha visando o melhoramento da condição da mulher, o reconhecimento dos seus direitos, era bem diverso que o de hoje. A luta pela vida não exigia de todos, como agora, o exercício de trabalhos forçados para subsistir. No entanto, o meio era mais hostil à mulher e poucos direitos elas puderam conquistar. Apesar disso, tanto Olivia como as outras trabalhadoras sentiam que a única maneira de obter para as mulheres os mesmos direitos que os homens tinham, era desenvolver uma campanha no sentido de acabar com o parasitismo feminino, lançando as mulheres no campo do "trabalho honroso e socialmente útil".

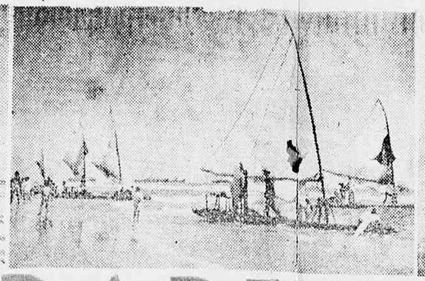
Assim, depois de mostrar como a mulher foi perdendo direitos à medida que perdia os antigos campos de trabalho, — fuso, moinho, agricultura, criação e educação dos filhos. — "Não pedimos que as rodas do tempo e a corrente da vida retrocedam. Não pedimos que em nossas mãos voltem a girar os nossos fusos, nem que se nos devolvam nossos moinhos de pedra, nem que o homem volte às suas antigas ocupações (caça e guerra) deixando em nossas mãos todo o trabalho doméstico e civil. Nem tampouco queremos que se reforme a sociedade de tal modo que cada mulher possa ser produtora de indivíduos da sua raça (apesar de ser profundo e forte o desejo que tôda mulher tem de ser mãe); nem tampouco educar os nossos filhos. Sabemos que isto não pode ser. As condições materiais da vida mudaram para sempre e nenhuma vontade humana pode faze-las voltar; no entanto pedimos o seguinte: que nesta ordem de coisas que se está formando, neste novo e estranho mundo que se levanta sôbre a mulher e sôbre o homem, no qual nada está como antes e tôdas as coisas tomam forma e relação novas; pedimos, digo "que neste mundo novo possamos (nós mulheres) participar do trabalho honroso e socialmente útil da humanidade; nossa metade correspondente ao trabalho dos filhos das Mulheres". Não pedimos mais, nem aceitaremos menos. Este é o nosso "Direito de Mulher".

Hoje o Direito do Trabalhar é um dever para a maior parte da humanidade, e para a mulher é ainda, como no tempo de Olivia Schreiner, a única maneira de obter os outros direitos que nos são negados.

Neisse é filho de uma leitora e sua dedicatória um estímulo para nosso jornal

TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL
CLINICA E CIRURGIA DE SENHORAS
DR. CAMPOS DA PAZ FILHO
Ginecol. da CAP da Light — Laureado pela Academia Med. — Consultas com hora marcada — Edificio Carioca, sala 218 — ás 16 horas — Tel. 42-7550





INFANCIA MOCIDADE E VELHICE

TÔDA UMA EXISTENCIA CURVADA SÔBRE BASTIDORES E ALMOFADAS — O TRABALHO FABULOSO DE RENDEIRAS E LABIRINTEIRAS DO NORDESTE

Texto de CÉLIA
Fotos de NELSON

Mucuripe apresenta uma natureza simples e bela.

Coqueiros balouçando sob uma ventilação permanente, gemido de palhas que cobrem os casebres dos pescadores, marulhar das ondas mais distantes que quebram à beira da praia, jangadas que partem, jangadas que chegam, eis as primeiras impressões que ficam em qualquer visitante, nessa praia nordestina.

Um ônibus velho, que vai até à ponta do cais, deixa a gente no meio da estrada.

Mas, Mucuripe não para aí, à beira da praia, com jangadas e ranchos.

Entrando-se por um arruela, entre casas velhas e choupanas, sulcando areia mais escura, desemboca-se numa espécie de largo, batido de sol. Daí em diante as casas se espalham, sem alinhamento, sem cêrca; os quintais são comuns, os poços d'água também.

A criançada se cruza na rua. São crianças de tôdas as idades, descalças, franzinas, mal vestidas, correndo à frente do "papagaio" de papel num pedaço de linha; outras, de "chama-fó" enfrentam a areia escaldante, com o peixe pendurado, que o pai ou o avô, velhos pescadores, trouxeram do mar.

À porta das casas, de paredes de palha ou de "sopapo", estão as labirinteiras, curvadas sôbre os bastidores, puxando os fios da fazenda ou tecendo o já desfiado.

À sombra das frondosas árvores, também trabalham em grupo ou em "roda", as mocinhas de 15, 16, até 20 anos. Trabalham, conversam, trocam suas primeiras impressões da mocidade; nos corredores das casas, sentadas nos tijolos frios ou sôbre a terra simplesmente batida, as mães de filho ao lado tecem as camisolas de labirinto, encomendadas da cidade.

A conversa com essas mulheres é simples e natural.

E falando sôbre a vida da gente pobre e trabalhadora de Mucuripe, fomos saber também o quanto custa fazer labirintos tão bonitos das nossas blusas e como são exploradas as mulheres nesse trabalho.

As labirinteiras, como as rendeiras do nordeste, têm a sua história longa, às vêzes contada com muito lirismo. Mas é certo que o seu trabalho, sua perfeição, seus sacrifícios, jamais foram compensados e, pelo contrário, todo o esfôrço feminino tem servido para enriquecer intermediários e principalmente algumas emprêsas que até negociam com o estrangeiro.

Tôda labirinteira sofre cedo da vista. Geralmente não sabem o mal do excesso de raios solares mas reclamam que às vêzes a vista treme sôbre o pano branco. Não tem cadeiras apropriadas para o trabalho. Sentam-se no chão ou nos topos das árvores e se curvam muito. No fim do dia as dôres lombares liquidam aquêles corpos jovens ou idosos, cansados do trabalho do dia inteiro. Depois de uma semana as blusinhas estão feitas e vendidas a Cr$ 75,00, de cambraia ou organdi e a Cr$ 45,00 se de percalina. Êsse preço inclui o trabalho, linha e fazenda por parte das labirinteiras. Os lencinhos minosos são vendidos a Cr$ 5,00 e Cr$ 7,50. Uma camisola de criança, de cambraia, com barra completa e longa, blusinha também labirintada, é feita a Cr$ 100,00 ou 150,00. Custa o trabalho de 30 a 40 dias consecutivos. Colchas e toalhas riquíssimas e trabalhosas são vendidas a Cr$ 600,00 e 700,00. Entretanto, os preços dos revendedores são de alarmar. Nem a consciência lhes dói para oferecerem um ponquinho mais às labirinteiras. Mas as labirinteiras sabem disso. Reclamam que ninguem ajuda a indústria. A produção é imensa, inesgotável.

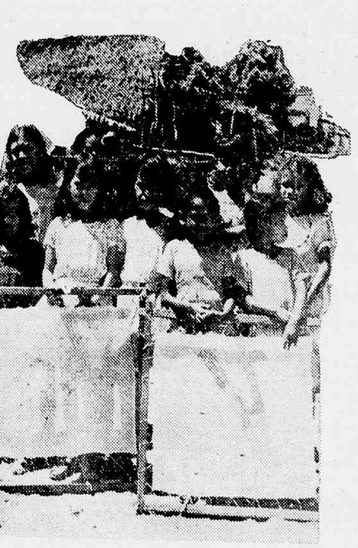
Essa é a vida, o ganha-pão de milhares e milhares de nordestinas, que desde os 7 anos de idade estão dedicadas ao labirinto e envelhecem sôbre as almofadas de renda, porque a vista não mais ajuda a contar os fios da fazenda, enquanto o tato facilita a trocar os bilros e os "espinhos de mandacarú" são grandes para furar o papelão.

Assim, as rendas já ficam em grande parte com as vovós, pelo menos em Macuripe é assim.

Em tôdas as palhoças há sempre uma almofada junto à parede, com os bilros pendurados, debaixo de um pano, num papelão com um "bico" ou um enfeitezinho". E o que é almofada? Um simples saco de estôpa, cheio de palha, às vêzes folha de bananeira, costurado de um lado e outro formando um cilindro, com duas aberturas das costuras meio franzidas em pequeno círculo, para guardar a linha, a tesoura e os alfinetes. Essas almofadas, onde são trançadas as mais belas rendas, são geralmente postas sôbre dois tijolos ou uma rodilha, quando não diretamente no chão. Sentadas de pernas cruzadas, as mulheres idosas trocam os bilros com agilidade admirável. De quando em quando, como que para marcar a cadência, dão uma puxadinha em dois ou quatro pares de bilros, apertando um buraco, endurecendo a ponta. No fim de vários papelões surgem as "parelhas" dos "cachos de uva", "trilho de ferro", "estrêla do Norte" e tantas outras rendas bonitas e cobiçadas, cuja confecção exige muitos sacrifícios das mulheres.

Indústria popular, de iniciativa de gente pobre do Nordeste, é uma prova do senso estético do nosso povo. E' a inteligência das nossas mulheres, a reclamar cultivo e zêlo. São milhares de analfabetas e sub-nutridas, moradoras de casebres, a reclamar melhor vida; é a infância nordestina, pedindo escolas, diversões e conforto.

Êste um aspecto real da vida de nossas labirinteiras e rendeiras, que constituem uma boa parte da População brasileira.



Momento Feminino nos Estados

AS MULHERES DE DIVINÓPOLIS FORAM A MAIOR FÔRÇA MORAL DA GREVE DA R. V. M.

DIVINÓPOLIS

A greve dos ferroviários da Rêde Mineira de Viação, foi um demonstração curiosa e inédita em nossos movimentos de reivindicações. Nesta luta gigantesca contra a miséria e a fome que invade os lares, os ferroviários tiveram o apoio mais completo e decidido de suas mulheres.

As mulheres de Divinópolis, principal centro da greve, representaram a maior fôrça moral de apoio, solidariedade e ação ao lado dos ferroviários.

Logo no segundo dia do movimento, alguns fura-greves tentaram fazer correr a máquina n. 50. Tão logo se soube do fato, as mulheres dos ferroviários, dando seguimento á luta das antigas mulheres que nas greves passadas se deitavam no leito da ferrovia com os seus filhos; organizaram uma passeata. Partiram das Oficinas da Rêde para a estação, empunhando a Bandeira Nacional, e entoando o Hino Nacional e o Hino à Bandeira. A cabaram tomando a máquina n. 50, colocando num abrir e fechar de olhos, os fura-greves fora de ação.

Evasiaram o vapor, apagaram o fogo e retiraram as principais peças da maquina.

Corajosas e decididas, continuaram ainda como baluarte da greve, dormindo no pátio das oficinas para impedir que a policia o ocupasse, montando guarda ás mercadorias.

Tão grande foi a sua influência no curso dos acontecimentos que ao ser nomeada a comissão encarregada dos entendimentos com o diretor da Estrada, ela foi organizada com 6 ferroviários e 4 mulheres.

Lado a lado com seus companheiros, as mulheres dos ferroviários auxiliaram seus maridos a ganhar essa dura luta pelo recebimento dos seus salários.

União Feminina de Arraial no Ceará

UBERLÂNDIA

Enviamos a MOMENTO FEMININO uma experiência de um trabalho nosso, em virtude da miséria reinante aqui em Uberlândia.

As mulheres nesta terra sofreu muito. Dentro do lar recebem o reflexo de tudo quanto acontece lá fora; ouvem seus filhos reclamarem o pão, as enfermidades lastrando, os desendentimentos caseiros, porque certos problemas não são satisfeitos por falta de recursos.

Pesando essas coisas tôdas, as mulheres resolveram abrir caminho na luta feminina, pedindo inicialmente um armazem de emergência para a venda dos géneros de primeira necessidade, ao preço do custo. Assim, prepararam um abaixo-assinado e foram a Câmara dos Vereadores apresentá-lo. Muita gente foi na comissão e era comovente ver tantas mulheres com seus filhos nos braços, deixando seus trabalhos domésticos, na esperança de conseguirem o pleiteado.

Certo sVereadores, vendo criaturas magras e fracas ficaram incomodados e não deram a menor importancia. Tôdas entraram para assistir a apresentação no plenário de seu pedido.

O Presidente da Câmara, com ares de despréso passou a hostilizar as mulheres, até que mandou que elas se retirassem, porque bateram palmas — o que é permitido na Câmara —. Ante êsse gesto grosseiro do Presidente as mulheres se aborreceram e na mesma hora tiveram a energia de protestos. Saíram tôdas, mas, os Vereadores Roberto Margonari e Henchemar Borges, reconhecendo a justiça do pedido, enfrentaram a luta das mulheres e leram o projeto de lei para a instalação do mercado.

As mulheres nessa luta viram que o importante é marchar para a frente unidas e estão dispostas a voltar á Câmara, exigindo aprovação do projeto.

O certo é que o mercado é uma necessidade geral e essa campanha feminina está conquistando tôda a população.

Assim, as mulheres de Uberlândia começam a trabalhar unidas pelo bem-estar de todos.

CEARÁ

Escreveu-nos nossa representante deFortaleza que estão em preparativos para uma festa em benefício de MOMENTO FEMININO.

A exemplo de outros Estados, as amigas de nosso jornal contam com o apoio de leitores dos diversos bairros, anunciando-nos que a festa vai ter grande sucesso.

Aqui apresentamos um grupo de senhoras da Associação de Arraial, que têm em MOMENTO FEMININO o órgão que levanta os seus problemas e suas lutas. Amigas de nosso jornal também estão dispostas a colaborar na festa que se aproxima.

ARACAJÚ

Foi fundada a sociedade feminina de Sergipe, que conta já com considerável numero de associadas.

A direção é composta de 5 senhoras: presidente, 1.ª e 2.ª secretárias, tesoureira. O Conselho Fiscal é constituido de 3 elementos.

Reunem-se semanalmente e de sua última assembléia, foi deliberado, realizar uma festa de S. João, no dia 24, para finanças extraordinárias da associação.

CURITIBA

As familias dos ferroviarios realizarão uma grande festa junina com fogueiras, danssas e sorteios.

MOMENTO Feminino

Diretoria:
ABERLINA MOCHEL

Gerente:
LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:
AV. RIO BRANCO, 257
Sala 515 — C. Postal 2013
Rio de Janeiro

Número Avulso. Cr$ 1,00
Atrasado ..... Cr$ 2,00

Colégio Delano Roosevelt

FUNDADO EM 1928

INSPEÇÃO PERMANENTE - EDIFICIO APROPRIADO

Externato — Semi-Internato — Primário — Admissão — Ginasial — Colegial — Clássico e Científico

DIURNO E NOTURNO

DIRETOR:
Prof. Milton Rivera Mango

TELEFONE: 28-6818
Rua Ibituruna, 43-45

ARTES PLÁSTICAS

DJANIRA

SÍLVIA

Depois de uma viagem longa aos Estados Unidos, Djanira realizou a sua primeira Exposição na sala do Ministério da Educação. Inúmeros trabalhos e, entre êles, alguns já conhecidos em exposições anteriores, davam uma alegria festiva ao ambiente arejado do nosso primeiro monumento arquitetônico.

Djanira lá estava com os seus ensaios de mural e as suas produções que sempre exprimem muito o mundo imaginário da artista. Não perdeu o seu caminho de sonho e fantasia, já promissor desde os primeiros passos em Santa Terêsa. Preocupou-se com o desenho, fugindo das suas linhas nervosas para uma simplicidade mais segura, principalmente quando faz o retrato. Disciplinou-se na gravura e os trabalhos apresentados revelam bem a segurança da técnica a que se dedicou estudando nesse prolongado período de ausência.

Alguns cronistas e críticos de arte têm falado em parentesco ou influências desse ou daquele artista, encontros fraternos e alentadores. A comentada afinidade com Chagal, antes de ver Chagal, não se modificou — talvez seja o céu que a artista ocupa com os seus sonhos infantis ou certas composições exploradas nas pesquizas de pontos de referência necessários à posição do artista. Uma espécie de sanção para a constatação de valores artísticos plásticos.

Entre os seus quadros estava aquêle célebre parque de patinação que o juri do salão oficial não quis conferir medalha de prata. E' um belo trabalho, com as suas figuras pitorescas e o decorativo que domina na arte de Djanira, que sobressaiu no conjunto da Exposição oficial. (E' possível que o prêmio não ficasse bem ao lado das medalhas de prata que foram tão distribuídas!). O gêlo tocou a sensibilidade da artista brasileira que plasmou a neve em seus aspectos mais característicos.

Quando se percorria a exposição de Djanira, cada vez mais se firmava a convicção de que outras influências estariam preocupando a tendência idealista da jovem artista. Então, não se podia deixar de lamentar os peixes com carinha que faziam lembrar o Walt Disney industrializado com a sua côrte de desenhistas frios. O visitante habituado a se deliciar com as côres puras de Djanira, com a sua maneira predestinada de se lançar nesse mundo fabuloso que seu temperamento faz vibrar, teria que recuar diante de certas quebras que preocupam muitas vêzes.

Frente a um mural com os jogadores de futebol a gente respira num mundo diferente e libertado. Djanira não faz concessão ao esporte — os jogadores estão sensíveis e tristes num campo que não corresponde à realidade dos craques. Irreverente a pintora se impõe compondo um painel cheio de ternura humana. Sim, Djanira não está disposta a capitular — os seus jogadores não são como o Leônidas, por exemplo, que os franceses aplaudiram em artista de *ballet*. Os de Djanira são melancólicos e provincianos como talvez queira achar o Rubem Navarra quando fala em subúrbio. Mas, contra os jogadores estão as pretensas naturezas mortas. Os melões, não sei bem, nada dizem para ocupar maiores espaços úteis. Talvez seja essa a razão que inspirou a artista para a sua estravagante arquitetura na forma significativa do abacaxi. Curioso torneio de imaginação!

Contudo, Djanira tem agora em muitas de suas belas composições uma forte tendência para a ilustração — uma nova ilustração. Há como que uma literatura decorativa sugerindo as histórias que não foram contadas, com muita gente e muitas crianças. Não se pode deixar de fazer o elogio dessas coisas tão saborosas que não encerram tragédias emocionais. Festejam de leve, com uma alegria visual que parece entoar o cântico da vida.

As crianças estão sempre bem, mas não quero deixar de assinalar o quadro em que a artista procurou uma terceira dimensão — o tradicional garoto fazendo "pi-pi" fora do quadro. Desconfia-se de uma manifestação plástica não percebida em alguns repuxos indiscretos de nossa grande cidade.

E' sensível, a arte de Djanira — voltou sem ter perdido com a viagem — não se corrompeu. Viu a arte do mundo e deve se sentir agora mais audaz ou mais encorajada para as suas novas criações multiplicando sua arte que já tem um grande relêvo em nosso ambiente artístico-plástico. Os visitantes de sua Exposição, olharam seus quadros espantados ou irreverentes — surpreendidos ou tocados de encanto. Por isso quero afirmar que a arte de Djanira é sempre uma advertência — contra ou a favor. Por isso quero fazer ressaltar o verdadeiro sentido de sua mensagem vigorosa e gritante.

Beleza

IZADORA

Os tempos estão cada vez mais difíceis, mas as mulheres não perdem — nem devem perder — a vontade de ser belas e a vaidade delas é hoje, também, um ato de coragem, uma coragem que deve tudo vencer, principalmente a miséria.

As lutas atuais pelo pão e pela subsistência levaram a mulher à naturalidade que muito mais realce dá à beleza e melhor atende à vaidade. Mesmo com a reviravolta da moda atual com suas longas saias e seus casaquinhos e anquinhas, nem por isso deixou a mulher de ter obrigatòriamente em mira, a naturalidade. Elza Marzullo, numa de suas croniquetas sôbre beleza cita um especialista de Hollywood — Pere Westmore — animador da campanha contra o artifício que "tanto compromete a beleza das "estrelas" de cinema". E se refere à preocupação muito feminina de imitar e copiar as artistas do écran.

Mas a naturalidade é mais difícil do que parece. Com os choques e entrechoques do mundo de hoje ser simples e natural é mais difícil do que se julga. Assim a maquillage. Não é nada agradável à vista um rosto feminino de sobrancelhos mefistofélicas, nem olhos com êsse horrível Rimmels que tanto enfeiam as mulheres dando-lhes um aspecto tenebroso e docntio. Que se use Rimmels uma vez ou outra numa noite de gala, está certo, mas seu emprêgo deve ser sutilíssimo, tão de leve que não dê [illegible] ncias de existir. A pintura dos lábios — e isso acentuamos em nosso número passado — deve ser feito com o maior dos cuidados não esquecendo que uma boca mal pintada não só enfeia o rosto como dá um aspecto de descuido e falta de bom gosto. O rouge nas faces também exige cuidados especiais. Não esquecendo que êle deve partir da maçã do rosto para o alto até a linha das orelhas. O melhor rouge é o de pasta pois que o em pó irrita a pele e cai nos poros sujando-os.

Não esquecer também que rouge, batom, sôbras [illegible], tudo isso deve combinar com a côr da pele e dos cabelos. E lembrar que para tudo isso, para ter sempre um bom aspecto a maquillage deve ser simples e natural, sem exageros. Se usamos o chamado "make-up" como base, para a maquillage, considero de preferência os líquidos, já que as chamadas pancrocas sofrem alterações do tempo e muitas vezes, mal aplicados, fazem estranhas camadas como se fôssem máscaras. O uso do "make-up" que realmente serve para manter a "maquillage" por mais tempo, deve ser também moderado. Depois de um dia de trabalho ou de passeio, é imprescindível que tôda essa pintura e essas bases sejam removidas cuidadosa e sèriamente, pois nada prejudica mais a pele do que dormirmos com rouge, etc. Aí aparecem os cremes de limpezas, o bom emprêgo de tônicos e adistringentes, os cremes contra as rugas para as peles que já estejam atacadas ou mesmo para aquelas que queiram evitar seu aparecimento.

Em resumo: sejamos naturais e simples. E, uma das formas de ser bela. Talvez a mais difícil de tôdas.

POEMA EPICO

JORGE DE LIMA

Entre todos os episódios de nossa história literária, um existe para maior prova desta verdade; e é o da Pleiade Mineira impropriamente chamada de Escola: não poderíamos dar este nome ao saco de gatos que Vila Rica, com a sua prosperidade econômica, conseguiu arregimentar entre arcades portugueses e brasileiros de estilo e fala reinóis.

Pretendia este ilustre grupo, com o arcadismo, desbancar o seiscentismo, mas continuou gongórico.

Tencionava produzir poesia brasileira, e ela continuou portuguesa com exceção do luso Dirceu que, para se fazer compreender pela namorada ignorantezinha, compôs, interessado no amor da pequena, uns versos muito simples e muito bons, sem artifícios clássicos e sem arrebiques de expressão: Marília precisava compreender, Marília salvou-o do nativismo complicado dos outros. Obrigado, Marília! Obrigado sobretudo porque conseguiste os primeiros versos de paixão humana sentida, vivida e sinceríssima.

Nada mais chocante do que colocar lado a lado os versos tão brasileiros, tão amor mineiro e universal do vate portenho e os dos poemas Uruguai e Caramurú. Quer dizer que, se a Pleiade conseguiu, graças a Marília bela, uma vitória lírica, falhou completamente ao tentar o poema épico.

Faltou ao poeta do Uruguai o assunto adequado à epopeia, com o indispensável recuo do tempo, com eficientes heróis e sem esta preocupação muitíssimo anti-poética de bajular Pombal (indigna preocupação!) e ainda mais sem esta traição aos jesuítas em cuja ordem professava sem constrangimento. Todas estas qualidades negativas fazem do Uruguai um fruto gorado da frondosa árvore camoniana.

Frei Durão teve o seu Caramurú divulgado doze anos depois de José Basílio, e igualmente pretendia fabricar uma epopeazinha em que deliberadamente o nativismo iniciasse sua vocação política e o destino entresonhado do nacionalismo e do patriotismo. Mas ao mesmo tempo não querendo largar as boas graças da Metrópole, cantava com exaltação uma quente lealdade a Portugal e se entroncavam voluntàriamente à epopeia da descoberta das Índias pelo Gama. Apenas, o poema de Frei Durão cantava em versos medíocres a descoberta da Bahía pelo fantástico Diogo Álvares. Poema inverosímil com o mérito (mérito?) de insinuar americanismo na poesia. Vê-se que a Poesia não se presta a estas insinuações. Resultado: gorados os épicos, porque não ceder as "Cartas Chilenas" a Tiradentes (para desempatar) que foi indubitavelmente o mais eficiente inimigo do Fanfarrão Minésio? Mas tal atribuição deslustraria profundamente a glória de Tiradentes — este grande poeta épico da Pleiade Mineira. Imaginemos quanto este homem simples peruou os companheiros letrados do grupo. Quanto desejou êle, também, ter o seu pseudônimo árcade, e se intitular Alcindo Palmireno ou Termindo Sepílio em vez de Tiradentes. Não; êle nasceu para poeta épico, não podia se intitular de Dirceu. E' Tiradentes para todos os efeitos. Tiradentes burlesco e nada incruento, simbolicamente um herói que desarma, que agride de qualquer modo, um pouco temido, mas um homem de ação diferente dos líricos: alferes, centurião do regimento nacional de Dragões, conjurou. Poeta leigo animou os poetas escribas que êle talvez invejasse. Não conheceu que a epopeia estava toda dentro dêle com prejuízo de Basílio e Durão. Só faltava passá-la ao papel. Talvez saisse ruim como o Uruguai e o Caramurú.

* * *

Tiradentes começou a viver poesia épica.

Quando a conjuração falhou êle, que havia vivido uma epopeia verdadeira, morreu por ela, enforcado, esquartejado, realmente pura poesia heroica, a maior e a mais real de toda a América.

LENDA

(Trechos de JOAO RIBEIRO "Colnecia" — 1924)

... Não sei se o leitor gosta, como eu, das histórias populares; acho porém, muito graciosa outra fábula que ainda não foi colecionada pelos nossos folcloristas e que Wallace (**) ouviu da família de um barqueiro que o levava, rio abaixo, pelo Amazonas.

E' a história de psicologia universal, do homem que tem medo da morte. E' evidentemente de origem européia. Ei-la:

— Todos sabem que ninguém, quando chega a sua hora, escapa da morte.

Um sujeito medroso, que não queria morrer, a todos pedia conselho sôbre a fatalidade terrível. Disseram-lhe: Faça-se compadre da Morte, pois que a um compadre não se negam certos favores.

O sujeito assim fêz; chamou a Morte para madrinha de um dos seus filhos. E logo pediu á comadre que lhe evitasse o doloroso tributo.

— Não posso, compadre disse ela. Eu venho a mandado de Deus, e quando chegar a sua hora V. não pode escapar. Faço-lhe porém, uma concessão que é o único favor que lhe posso prestar. Eu virei preveni-lo uma semana antes. V. tomará então as providências. Mais não posso fazer.

E despediu-se.

O sujeito medroso resignou-se, mas levou a parafusar todos os alvitres possíveis, com o intento de burlar a Morte, naquela semana de dilação que lhe seria dada.

Passados alguns anos, apareceu um dia a Morte:

— Agora, compadre, virei buscá-lo na quarta-feira próxima. E' fatal.

O compadre recebeu a notícia tranquilamente; estava já apercebido e tinha preparado um estratagema.

No dia fatal fêz vestir com as suas roupas um preto velho que lhe servia de cozinheiro, pôs-lhe á cabeça o seu chapeu e mandou-lhe que ficasse á frente da casa.

Evidentemente, a Morte tomou-o-ia pelo patrão.

Ao mesmo tempo êle, pobre diabo medroso, pela sua parte, encarvoou todo o rosto, vestiu os farrapos do preto e foi para junto do fogão.

Mas, ou fosse casual desencontro, ou fôsse que o preto se esgueirasse para a venda da esquina, o certo é que a Morte entrou sem ser pressentida.

A dona de casa, aflita, murmurou apenas: O seu compadre deve estar aí perto, á frente da casa.

— Não é preciso incomodá-lo, disse a Morte. Farei favor mais completo. Desta vez ou levo apenas aquele preto velho que ali está no fogão.

E levou-o.

(**) Alfred Russel Wallace, naturalista inglês, morto em 1924.

ASSINE

MOMENTO feminino

3 MESES . . . . CR$ 12,00
6 MESES . . . . CR$ 22,00
12 MESES . . . . CR$ 40,00

Pedidos para a Gerente

Luiza Regis Braz

Caixa Postal, 2013

RIO DE JANEIRO.

REVISTAS ESTRANGEIRAS

Cultura Política — Filosofia — Ciência

Pedidos pelo Reembolso Postal

Editorial Vitória Ltda.

Rua do Carmo 6, 13º andar, sala 1.306, Rio

caças e montava uma égua prêta e fogosa — o mais belo animal que já se viu, do qual mil vêzes o rapaz ouvira contar o brio. Êle também havia de ir a caçadas e de ser respeitado por todos. Quando as pessoas crescem, pensava, ninguém indaga se sabem escrever bem. E quando êle fôsse homem, havia de mandar em tudo e de fazer o que lhe apetecesse. Tinha-lhe sido difícil aceitar a idéia de que o tempo de escola seria longo e de que êle não iria tão cedo para a fazenda do pai, q[illegible]hava extremamente divertida posi nela só passeava, dava ordens ao mercado. E êle pensava que um padre lhe daria lições da L[illegible]ura e provàvelmente lhe ensinaria, nos domingos, o Evangelho, a Epístola e a oração do dia. Mas na ausência de informações detalhadas, não lhe era possível imaginar que a escola e o professor fôssem completamente diferentes da academia do sr. Jacó. Para não achar falta, no caso de encontrar bons companheiros, êle tomou cuidado em levar consigo uma pequena caixa de cartuchos; não que houvesse alguma coisa particular para fazer com êles, mas que serviriam para dar a rapazes estranhos conhecimentos de sua familiaridade com armas de fôgo. Pobre Tom! Logo havia de ver claramente que as ilusões de Maggie, a que se acrescentavam as suas próprias, seriam cruelmente dissipadas pela su demorada experiência em King's Lorton!

Uma noite lhe seria suficiente para verificar que a vida, complicada não apenas com a gramática latina, mas com um nova forma de pronúncia inglesa, era coisa difícil, que empanava tudo mais num pesado manto de indecisão. Tom, como o leitor já observou, não era uma exceção entre rapazes, por falta de jeito. Mas a sua dificuldade em enunciar um monossílabo que fôsse, em resposta ao sr. Stelling ou a sua mulher, foi tão grande, ao jantar, que êle teve mêdo até que lhe perguntassem se queria mais sobremesa. Quanto à caixa de cartuchos, já tinha quase resolvido, na amargura do seu íntimo, jogá-la num tanque de peixes da proximidade, pois não só êle era ali o único aluno mas também porque já o tomava um certo ceticismo a respeito de armas de fogo, e o dominava uma impressão geral de solapamento de sua teoria sôbre a vida. Aparentemente o sr. Stelling não entendia de pistolas, nem de cavalos, e para Tom era impossível menosprezar o novo professor como fizera com o Velho Glogges. Se alguma coisa havia, que não era natural no sr. Stelling, Tom estava longe de percebê-la: mesmo os homens mais sabidos só distinguem dum trovão o barulho dum barril que rola depois de larga comparação dos fatos.

O sr. Stelling era um homem equilibrado, de peito amplo, com menos de trinta anos, de cabelos alourados e penteados para trás, grandes olhos cinzentos e luminosos sempre abertos. Tinha uma voz sonora e profunda e um ar desabrido de absoluta confiança em si mesmo. Havia entrado na carreira com grande ímpeto e gostava de marcar bem a impressão que deixava nos companheiros. Não era homem de ficar tôda a vida no "clero inferior". Tinha o desígnio bem inglês de abrir caminho no mundo, como professor, em primeiro lugar, pois havia importantes postos em vista, e Stelling desejava um dêles. E como pregador também, pois êle ansiava pregar de forma tão brilhante que tivesse a sua congregação, repleta de admiradores das vizinhas paróquias, e procurava produzir grande sensação tôdas as vêzes que um clérigo de menores possibilidades lhe dava oportunidade. O estilo da pregação que êle tinha es-

colhido era extemporâneo, em paróquias como King's Lorton, por explorar pouco o miraculoso. Alguns trechos de Massillon e [illegible] daloque, que sabia de cor, eram realmente de grande efeito quando enunciados nos mais profundo tom pelo Rev. Stelling. Mas [illegible] para têrmo de comparação, da mesma forma pesada e impressionante eram expendidos seus próprios apelos, aqueles textos [illegible] muita vez julgados chocantes pelos seus ouvintes. Não era... [illegible] qualquer escola fixa as doutrinas de Stelling ou, se eram de alguma, tinham uma tinta de evangelismo, pois êste era a doutrina confessada, até então, na diocese à qual pertencia King's Lorton. Em resumo Stelling era uma criatura que havia de vencer na profissão, mas vencer por seu mérito, calmamente. Não se tinha interessado pelo que lhe fôra prometido por um problemático amigo, grande advogado que esperava ser Ministro da Justiça. Um clérigo que tem intenções tão firmes, a princípio fica devendo a meio mundo. Ninguém há-de esperar que êle possa viver a vida magra dum homem que não espera ser outra coisa, em tôda a existência, além dum pobre cura. E se a regular soma que o sr. Simpson adiantou sôbre a fortuna da filha não lhe foi suficiente para a compra de uma bonita mobília, de um estoque de vinhos, de um grande piano e do descanso de um florido jardim, segue-se seguramente que, ou essas coisas podiam ser obtidas por outros meios ou o Rev. Stelling podia passar sem elas — alternativa, esta última, que seria uma absurda delonga dos frutos do sucesso, já que o sucesso era certo. Stelling tinha tanta fibra e resolução, que se sentia disposto a tudo: a se tornar célebre por mover a consciência dos seus ouvintes, e ao mesmo tempo editar uma peça grega e inventar outras várias leituras. Ainda não havia escolhido a peça, pois tendo-se casado há pouco mais de dois anos, suas horas vagas tinham sido muito ocupadas com atenções à senhora Stelling. Mas êle já tinha dito à sua mulher o que tencionava fazer algum dia, e ela sentia grande confiança no marido, como num homem que entende de tôdas as coisas.

O degrau imediato para o futuro sucesso era conduzir Tom Tulliver durante essa primeira metade do ano, para que, quando houvesse tendências para outro colégio na vizinhança, a decisão final fôsse a favor de Stelling, por se entender que o jovem Tulliver, que o professor afirmava na intimidade conjugal ser um pirralho insolente, fêz com êle prodigioso progresso em pouco tempo. Essa a razão do mestre ser severo com Tom nas suas lições, pois o menino não conseguia entender a gramática latina sem aplicação de alguma severidade. Não que Stelling tivesse mau humor ou fôsse um homem ruim — muito pelo contrário. Brincava com Tom a mêsa, e corrigia da maneira mais afável os seus modos provincianos e o seu procedimento, com o que o pobre Tom ficava mais do que humilhado e confuso, por não estar acostumado a graças como as do senhor Stelling, e por ter, pela primeira vez na vida, o senso de estar frequentemente errado. Quando o sr. Stelling disse, ao ser descoberta a carne assada: "Então, Tulliver! que é que você quer declinar, o "roast beef" ou o latim?" — Tom, para quem nesses momentos congelantes, um trocadilho era um bocado difícil de engolir, ficou mergulhado num embaraço alarmante, que lhe fêz tôdas as coisas obscuras, exceto a impressão de que com êle nada era possível fazer em relação àquela língua morta. Quando êle respondeu: "do roast beef", houve muita risada e movimento de pratos, do que Tom

concluiu, que de alguma forma misteriosa tinha recusado o "beef", parecendo bobo. Se o rapaz tivesse um condiscípulo, subalterno, como ele, a essas penosas investidas, recebendo-as de bom grado, logo as tomaria também como coisa natural. Mas há duas maneiras diferentes de educação a dar a um filho que se manda como único discípulo de um clérigo: o gôzo da negligência indevida do reverendo cavalheiro ou a obrigação de aturar a sua indevida atenção. Foi por este último privilégio que Tulliver pagou tão alto prêço pelos primeiros meses de Tom em King's Lorton.

O respeitável moleiro e plantador de cevadas deixara Tom no colégio e voltara para casa em estado de grande satisfação mental. Tinha sido um momento feliz para êle o em que se lembrou de pedir conselhos a Riley sôbre um professor para Tom. O olhar do sr. Stelling era tão firme e o mestre falava tão de improviso sôbre os assuntos do dia, respondendo a cada reparo do sr. Tulliver com um "Eu sei, meu caro senhor eu sei"; ou "Decerto, decerto" ou "O senhor quer fazer de seu filho um homem que encontre o seu caminho na vida" — que o velho moleiro ficou encantado de ver no reverendo um clérigo cuja ciência tinha tanta aplicação às coisas da vida cotidiana. Exceto o Conselheiro Wylde, que ouvira nas últimas sessões, para o senhor Tulliver o Rev. Stelling era a criatura mais sagaz que já encontrara. — Não como Wylde, é certo, do qual só tinha o hábito de meter o polegar na cava do colete. Não constituía o senhor Tulliver uma exceção no confundir sagaz e possuidor em geral de notáveis qualidades, se bem que seus contratos ao cegassem um todo completo. Mas êle contara ao sr. Tulliver muitas histórias sôbre suoversões e extremismos, e de forma tão sensata e humana com tanta volubilidade de expressão lhe pediu conselho sôbre a alimentação dos porcos, que o moleiro logo pensou ter encontrado quem queria para mestre de Tom. Não havia dúvidas para êle de que êste homem de primeira água conhecia intimamente todos os ramos de informação, e sabia certamente o que Tom devia aprender para se tornar forte adversário contra qualquer advogado, coisa que fazia falta o sr. Tulliver, sempre necessitado de bem se dirigir no vasto campo dos negócios.

E ninguém caçoe dêle porisso, pois eu sei de gente muito mais instruída que ainda precisaria de mais conselhos que o moleiro...

Quanto à senhora Tulliver, achando que coincidia com o seu ponto de vista da senhora Stelling sôbre o arejamento da roupa branca e a frequênte satisfação da fome dos rapazes em período de crescimento; e, além disso, que a senhora Stelling, a-pesar-de tão jovem, já esperando o segundo parto, tinha tido quase a mesma experiência que ela, em relação ao procedimento e ao caráter da ama do primeiro filho — mostrou ao seu marido grande contentamento, quando êle regressou, por ter deixado Tom entregue àquela mulher que, a despeito da juventude, parecia muito sensível e maternal e pedia conselhos tão úteis e necessários.

— Êles devem estar muito bem de finanças — disse a senhora Tulliver — pois tudo na casa é do melhor possível, e o vestido de seda que ela estava usando custa bom dinheiro. E' igual ao que a mana Pullet ganhou.

— É, êle deve ganhar bem, além do vicariato, acho eu, Talvez o pai dela entre com alguma coisa mais. E agora adoentado. Seria boa distração para Tom levar Laurinha a passeio, nas horas ensola-

radas daqueles dias de outono, e isso o faria sentir Lorton Parsonage como o seu lar e que êle era um dos da família. Como Laurinha ainda não andava perfeitamente, levava uma fita passada pelo peito, e por ela Tom a conduzia como um cãozinho, nos momentos que queria andar. Mas êsses momentos eram raros, e a maior parte do tempo êle passava carregando a linda menina, dando voltas pelo jardim, sob as vistas e as ordens da Sra. Stelling, que ficava à janela. Se alguém considera que há virtudes femininas que dificilmente se combinam, quando não são de todo incompatíveis. Quando a mulher dum pobre cura inventa, a-pesar-de tôdas as dificuldades, de se vestir extremamente bem e de usar um penteado que requer que a ama dos filhos sirva de criada de quarto, — e quando, além disso, tem de se esforçar pessoalmente para que seus jantares e recepções sejam elegantes e completos, fato a que as mulheres em geral dão tanto valor, não se pode razoàvelmente exigir que ela trate uma segunda ama para os filhos ou sirva de ama ela mesma. O senhor Stelling sabia disso, via que sua mulher fazia prodígios e tinha orgulho dela. Certamente não era a melhor coisa do mundo, para o desenvolvimento do jovem Tulliver, carregar uma criança pesada, quando o de que êle precisava era de longos passeios a pé. Mas para isso o sr. Stelling havia de providenciar no outro semestre, contratando um treinador para o menino. Entre as várias razões pelas quais Stelling se julgava mais afortunado que a maior parte dos seus confrades, era por ver seguida estritamente a sua opinião na sua própria casa. E de que forma? Êle se tinha casado com "a melhor almazinha que já existiu", de acôrdo com o que dizia Riley, o qual tinha conhecido os cachos louros e o bem educado sorriso da sra. Stelling quando solteira, e que, baseado nesse conhecimento, podia assegurar que em qualquer tempo, se houvesse alguma questão doméstica na sua vida de casa, seria culpa única do sr. Stelling.

Se Tom não tivesse boa disposição, com certeza acabaria odiando o anjinho da Laura, mas para isso êle era bom demais e tinha bastante dessa fibra que torna os perfeitos varões piedosos protetores dos fracos. Sinto que êle odiasse a sra. Stelling, desgostando-se a mais não ser dos seus cachos louros e das suas longas tranças, que lhe davamares de altivez e de frequentes referências aos "deveres" dos outros. Mas êle não deixava de brincar com Laurinha e gostava de divertí-la. Pela criança sacrificara a sua caixa de cartuchos disparando-os para ver-lhe a alegria ante a pequena faísca e o barulho da percussão, arriscando-se até a uma descompostura por parte da senhora Stelling, por estar ensinando sua filha a brincar com fogo. E' que Laura era uma espécie de companheiro de brinquedos — e Tom precisava de um dêles! No seu íntimo, ansiava por ter Maggie em sua companhia, disposto quase a perdoar-lhe os imperdoáveis esquecimentos, a-pesar-de, quando estava em casa, ter-se habituado a encarar como um grande favor de sua parte deixar Maggie caminhar com êle nas suas alegres excursões.

E antes de se acabar êsse triste semestre, Maggie veio de fato. A sra. Stelling convidara a menina, uma vez, para vir e ficar com o irmão. E quando, em fins de outubro, o sr. Tulliver voltou a King's Lorton, Maggie também veio imaginando que estava fazendo uma grande viagem e começava a correr o mundo. Era a primeira visita do sr. Tulliver para Tom, pois o menino devia aprender a não pensar muito em sua casa.

— Muito bem, meu filho! — disse êle a Tom, quando o sr. Stel-

ling saiu da sala para anunciar a chegada a sua mulher, e Maggie pôde beijar o irmão com liberdade. — Você está muito bem disposto! Nada como a escola!

Tom desejaria muito mais parecer doente e retrucou:

— Eu não acho que esteja bem, papai, e queria que o senhor pedisse ao Sr. Stelling para não insistir mais no Euclides — que eu acho que até me dá dor de dente. (A dor de dente era a única doença de que Tom sofria).

— Euclides, meu filho? Mas o que é isso?

— Sei lá, são definições, axiomas, triângulos e outras coisas. E' um livro que eu tenho de estudar, e que não tem nenhum sentido.

— Vamos, vamos, — interrompeu o pai, reprovando — não diga isso. Você precisa aprender o que o professor manda. Só êle é que sabe o que você deve saber.

— Agora eu ajudarei você, Tom — disse Maggie com um arsinho de consolação e de apadrinhamento — vim para ficar bastante tempo, se a sra. Stelling me convidar. Trouxe até minha mala e meus aventais, não foi, papai?

— Você me ajudar, bobinha! — atalhou Tom, animado ante o fato, mas certo de atrapalhar Maggie com a simples exibição de uma página de Euclides. — Eu gostaria de ver você fazendo uma de minhas lições! Até latim eu aprendo! E meninas nunca aprendem essas coisas, porque são bobas demais.

— Eu sei muito bem o que é latim, disse Maggie confiante: — É uma lingua. No dicionário há palavras latinas. Por exemplo: "bonus", que quer dizer "dom".

— Pois você está enganada, senhorita Maggie! atalhou Tom, secretamente espantado: — Você pensa que é uma sabia! Mas "bonus" quer dizer "bom", e é "bonus, bona, bonum".

— E', mas isso não é razão para não significar "dom" — afirmou Maggie, com firmeza. — Pode significar muitas coisas, como acontece com quase tôdas as palavras. Por exemplo, "fazenda" — tanto é de plantar como é de fazer roupas!

— Muito bem, menina, aprovou o pai, rindo-se, enquanto Tom se zangava com a sabedoria de Maggie, a-pesar-de satisfeito com o pensamento de que a irmã ia ficar a seu lado, e teria afinal abatido o seu convencimento ao verificar os seus livros de estudo. Ao fazer o convite, a sra. Stelling mencionou apenas uma semana, para a permanência de Maggie; mas o marido, tomando a menina nos joelhos, e perguntando de onde roubara aqueles olhos pretos, insistiu para que ela ficasse quinze dias. Maggie achou o sr. Stelling um encanto de homem, e o sr. Tulilver ficou todo orgulhoso de deixar ali o seu pequeno rebento, para que ela tivesse uma oportunidade de mostrar a sua inteligência a pessoas de fora. Assim, combinou-se que ela não seria levada para casa antes de uma quinzena.

— Bom,, então vamos [illegible]ggie — disse Tom assim que o pai se foi embora: — Ma[illegible] que você continua a abanar a cabeça, sua boba? — perg[illegible]ois a-pesar-do cabelo da menina estar doutra forma, b[illegible]ado para trás da orelha, ela ainda tinha a impressão de que precisava sacudi-l[illegible] dos olhos: — Você parece uma maluca, dêsse jeito.

— E' sem querer — cortou Maggie, impacien[illegible] E não me amole Tom! Oh! quantos livros! — exclamou ao ver as estantes, na biblioteca: — Como eu gostaria de ter livros assim!

— Para que, se você não poderia ler nenhum? — trocou Tom, triunfante: — São todos em latim...

— São nada! retrucou Maggie. — Eu estou lendo as costas dêste: "História do Declínio e da Queda do Império Romano".

— E que é que isso significa? Você não sabe! desafiou Tom, balançando a cabeça.

— Mas havia de saber! disse Maggie, desdenhosa.

— De que forma?

— Ora, vendo dentro e verificando o assunto.

— Pois faria mal, senhorita — atalhou Tom, vendo-a com a mão no livro: — O sr. Stelling não admite que ninguém toque nos livros sem licença, e eu é que pagaria, se você mexesse aí.

— Bom, então vamos ver os seus livros. — Maggie passou o braço em tôrno ao pescoço de Tom e encostou o rosto do menino no seu nariz redondinho.

Tom, na alegria de ter consigo a sua querida Maggie para brigar e discutir de novo, pegou-a pela cintura e começaram ambos a saltar em tôrno à mesa da grande livraria. Pularam cada vez mais animados, até o cabelo de Maggie escapar-lhe de trás da orelha e esvoaçar em tôrno à sua cabeça como uma bandeira. Mas as voltas ao redor da mesa foram se tornando irregulares na sua evolução, até que, atingindo a estante de leitura do sr. Stelling, atiraram-na atroadoramente abaixo, com os seus pesadíssimos dicionários. Felizmente era no andar térreo, pois a biblioteca estava numa sala da casa, de um só andar, de modo que a queda não causou barulho alarmante, a-pesar-de Tom ficar aterrado por alguns minutos, temendo o aparecimento do professor.

— Olhe, Maggie — disse êle afinal, levantando a estante, — aqui nós precisamos estar quietos, você vai nos fazer chorar "peccavi".

— Que é isso?

— Oh, é latim de muito boa marca, explicou Tom, não sem algum orgulho da sua saliência.

— E ela? Atormenta a gente?

— Você nem imagina!

— Eu acho que as mulheres atormentam mais que os homens, comentou Maggie: — Tia Glegg é incomparàvelmente pior que Tio Glegg, e mamãe me corrige muito mais que papai.

— E', mas você também há-de ser mulher um dia, porisso não deve falar.

— Mas eu serei uma mulher inteligente — disse Maggie. E sacudiu a cabeça.

— Aposto que há-de ser uma mulher convencida e suja, que todo o mundo há-de detestar.

— Mas você não poderá ter ódio de mim, Tom! Eu sofreria muito com isso, porque eu sempre serei sua irmã.

— Sim, mas se você fôr suja e desagradável eu terei de odiar você!

— Não terá, Tom! Eu não serei desagradável. Serei muito boazinha para meu irmão, boazinha para todo o mundo. Você não me odiará de verdade, não é, Tom?

— Oh! que amolação! Nem me lembrei. Venha, está na hora de estudar minhas lições. Veja só o que eu tenho de fazer, disse Tom puxando Maggie e mostrando-lhe um teorema, enquanto ela compunha o cabelo atrás da orelha e preparava-se para demonstrar

que era capaz de ajudá-lo no Euclides. Começou a ler com inteira confiança em si mesma, mas acabou se atrapalhando e o rosto se lhe contraiu irritado. Era inevitável — tinha de confessar sua incompetência, e não lhe agradou a humilhação.

— Que bobagem, disse ela, não tem interêsse nenhum, e ninguém precisa saber êsse negócio.

— Ah! Aí está, senhorita Maggie, retrucou Tom pegando o livro e meneando a cabeça para a menina, — você está vendo que não é tão inteligente como pensava que era!

— Ora, respondeu Maggie, justificando-se: — Garanto que resolveria direito, se tivesse aprendido o que vem antes, como você aprendeu.

— A questão é que você não aprenderia, senhorita Sabichona. E não adianta nada saber o que vem antes, porque tem de aprender a definição seguinte e o axioma que vem depois. Mas continuemos, ainda temos que ver. Está aqui a Gramática Latina. Veja se entende alguma coisa.

Depois de sua mortificação matemática, a menina achou a Gramática Latina uma facilidade, pois tinha fraco por aprender palavras novas e logo descobriu que havia um texto inglês no fim do livro, que, a primeira vista, resolvia as dificuldades do Latim. Esforçou-se para aprender as regras da sintaxe e achou absorventes os exemplos. Essas frases misteriosas, escolhidas num texto desconhecido — como estranhos grupos de animais, ou fôlhas de plantas esquisitas, trazidas de alguma região longínqua — davam-lhe um novo impulso a imaginação e pareciam ainda mais fascinadoras por serem de uma linguagem especial que era preciso aprender para interpretar. Era realmente muito interessante. Os exemplos mais fragmentários eram os seus favoritos. E ela estava perdida neles, quando Tom a chamou:

— Bom, Maggie, agora eu quero a Gramática.

— Oh! Tom, é um livro tão bonito, disse ela saltando da larga cadeira de braços para entregá-lo ao menino. Muito mais bonito que o Dicionario. Eu acho que aprendo latim num instante. Não é nada difícil!

— Eu sei muito bem o que você está fazendo, lendo a parte inglesa, no fim. Assim qualquer burro entende!

Tom pegou o livro e abriu-o com ar resolvido e entendido, como se quisesse dizer que tinha uma lição a estudar, uma lição que os burros não aprenderiam.

Maggie, meio zangada, voltou às estantes para divertir-se com a decifração dos títulos.

Desta vez, Tom é que a chamou: — Ouça, Maggie, venha ver se eu sei isso; Fique aí onde o sr. Stelling fica quando me toma a lição.

Maggie pegou o livro aberto.

— Vou começar de "Appelativa arborum", porque quero repetir tudo o que aprendi esta semana.

Tom disse muito bem três linhas, e Maggie já estava começando a se esquecer do seu papel de ponto para especular o que significaria "mas", que ali estava escrito duas vêzes, quando o menino empacou em "Sunt etiam volucrum ... ut ostrea, cetus"...

— Não, disse Maggie, abrindo a bôca e sacudindo a cabeça.

— "Sunt etiam volucrum", repetiu Tom, bem depressa, como

se as palavras seguintes devessem sair com facilidade, assim que acabasse essa deixa pela qual estavam esperando.

— "Ceu"... judou Maggie, impaciente.

— Eu sei, encolha a lingua, tornou Tom. "Ceu passer, birundo; Ferarum... ferarum..." Tom pegou o lápis e fêz uma porção de riscos na capa do livro: "ferarum"...

— Ande, Tom! Disse a menina. Que tempo você está aí "Ut"!

— "Ut, ostrea..."

— Que nada, "Ut, tigris"...

— Ah! é! agora eu sei. E' "tigris", "vulpes", eu tinha esquecido: "Ut tigris, vulpes; et Piscium".

Com algumas hesitações e repetições, Tom conseguiu dizer as linhas seguintes.

— Agora êste, disse êle. E' o que eu decorei para a lição de amanhã. Deixe-me dar uma espiada no livro, antes. — Depois de um ensaio baixinho, acompanhado de batidas de mão fechada, sôbre a mesa, Tom devolveu o livro.

E começou: — "Mascula nomina én a"...

— Não é isto, Tom. Isso é depois. Agora é: "Nomen non creskens genitivo..."

— "Creskens genitivo"! exclamou Tom, com uma risada irônica, pois tinha estudado para a lição do dia a passagem esquecida, e um jovem não pode pretender uma aproximação mais íntima com o latim sem antes sentir como é penosa a pronúncia errada.

— "Cresken genitivo"! Que boba que você é, Maggie!

— Não precisa rir, Tom, pois você não se lembra de nada disso. Assim é que está escrito, como é que eu posso saber?

— Xií! Eu não tinha dito que vocês, meninas, não podem aprender latim? O certo é "Nomen non crescen genitivo".

— Bom, concordou Maggie. Isso eu posso dizer tão bem como você. E tome cuidado com a sua pontuação, porque deve parar duas vêzes mais num ponto e virgula do que numa virgula, e você faz ponto justamente onde não há nenhuma parada.

— Já sei, não me amole. Vamos embora da biblioteca.

Agora êles podiam passar no salão o resto da tarde, e aí Maggie se mostrou tão animada com o sr. Stelling, na certeza de que êle a achava inteligente, que Tom ficou meio envergonhado e alarmado com a sua audácia. De repente ela se acalmou, ante uma alusão do sr. Stelling a uma menina que êle tinha ouvido dizer que tinha fugido com as ciganas.

— Que menina esquisita devia ser! — comentou a sra. Stelling, procurando brincar; mas essa brincadeira parecia odiosa aos olhos de Maggie. Convencida de que o sr. Stelling, afinal, não lhe dava importância, a menina foi para a cama, aborrecida, mais ainda porque sentia que a sra. Stelling a tinha olhado como se achasse feio o seu cabelo esticado para trás.

A-pesar-disto foi uma quinzena feliz, para Maggie, essa da visita ao irmão. Permitiam que ela o assistisse estudar as lições, e com as suas várias leituras aprofundou-se bem nos exemplos de gramatica latina. O do astrônomo que odiava as mulheres em geral causou-lhe tanto interêsse que ela chegou um dia a perguntar ao sr. Stelling se todos os astrônomos odiavam as mulheres ou se êsse era um caso particular. E fortalecendo sua pergunta ela acrescentou:

— Eu acho que são todos os astrônomos, porque êles vivem

Semana das Associações Femininas

DEPARTAMENTO FEMININO DA FRENTE DEMOCRATICA DE COPACABANA

As mulheres de Copacabana deram-nos uma interessante experiência de trabalho, quando resolveram ajudar às famílias das vítimas da catástrofe de Deodoro.

Sabiam que as famílias necessitavam muito de dinheiro.

Pensaram, pensaram e tiveram uma idéia brilhante: Resolveram formar uma comissão de mulheres e ir às portas dos cinemas de Copacabana para angariar o dinheiro necessário. Foram ao Metro, Roxi e Rian, antes de ser iniciada a sessão de 8 e 10 horas, que são as mais movimentadas.

Confeccionaram dois cartazes explicando a finalidade do dinheiro, fizeram pequenos cartões de visita em nome da Frente Democrática de Copacabana, colocaram no braço uma fita também com o nome da organização a que pertencem e, segurando um litro de leite vasio, onde seriam colocado os donativos, foram quatro noites da semana aos cinemas citados.

Foi tão bem acolhida a iniciativa que, ninguém se negou de colocar na garrafa o tróco das entradas e muitas vezes notas maiores.

Nêste trabalho realizaram as moças de Copacabana uma interessante propaganda de sua organização e conseguiram em 4 dias de trabalho angariar a importancia de Cr$ 3.300,00 para as famílias das vítimas da catástrofe de Deodoro.

"Momento Feminino" se congratula com a idéia das mulheres de Copacabana pelo trabalho realizado, lembrando a tôdas as organizações femininas que iniciativas dessa espécie podem ser tomadas nas suas campanhas financeiras, pois o resultado já se viu que é ótimo.

União Feminina de Laranjeiras

Na última reunião desta União Feminina foram discutidos vários assuntos de interêsse do bairro e marcadas duas festas:

— Uma a se realizar dia 26 do corrente, sábado, a partir das 20 horas, à rua Itamonte, 58 onde moram 3 associadas da União. Será uma festa juanina, com fogueira, comidas típicas e haverá dansa.

Estão convidados os moradores de Laranjeiras e quem mais queira comparecer para divertir-se.

— A outra festa, será de carater cultural e artístico, a realizar-se dia 2 de julho, 6.ª feira próxima, no 9.º andar da Associação Brasileira de Imprensa á rua Araújo Pôrto Alegre. Entrada franca.

***

A União Feminina de Laranjeiras e Aguas Férreas tem o prazer de comunicar a tôdas suas associadas que a Dra. Bertha, médica especialista em moléstias de senhoras e crianças, atende diariamente na Farmácia à rua das Laranjeiras n. 458. Mediante a ficha de sócia da União a dra. Bertha prontificou-se a atender a tôdas nossas associadas que necesitem os seus serviços profissionais.

Atividades da União Feminina de Pedro Ernesto-Ramos

Estão funcionando regularmente as aulas de corte, costura e trabalhos manuais da União. A mais recente iniciativa desta entidade é a criação do Recreio Infantil da U.F.P.E.R., já funcionando diàriamente das 9 às 11 1/2 hs., onde as crianças da 1.ª infancia aprendem brincando (1.ª parte).

A 2.ª parte do Recreio destina-se às diversões das crianças da 2.ª infancia sendo amplo o seu programa.

A Campanha das novas socias demonstra a compreensão das mulheres do nosso subúrbio.

Para esse fim tem saído comissões nas casas tendo havido anistia para as sócias em atrazo (mais de três meses) nas suas mensalidades.

Festa Junina em Anchieta

A União Feminina de Anchieta convida as Associações Femininas a participar da folia do dia 29, na Festa de São Pedro, no Arraial da Liberdade, à Rua Pedro Tenente Lassence, 62. O traje pode ser à caipira ou de passeio.

ESPORTE

Escalação do Penedo

O team do Penedo F. C. jogará domingo proximo com o Universo, no campo do Alto-Mirim F. C.

Para esse jógo foi feita a seguinte escalação: Vavá, Nico e Jaime; Juarez Walter e Jorge; João, Jair, Esquerdinha, Caruso e Jorge II.

A Presidencia do "Penedo" F. C. está empenhada no sucesso desse jogo. A diretoria está assim constituida:

Presidente — Waldir Krauss.
Secretário — João Krauss.
Dir. de Esportes — Romeu Krauss
Tesoureiro — Honorato Ferreira Diás.
Madrinha — Luiza Krauss.

"Momento Feminino" deseja a vitoria dos rapazes defensores Penedenses.

Sarvi S. Pedru

A União Fiminina di Madurera, vem a cuuviá vós-missês i sua famia prá sisti a festança qui vai si arrializá nu dia 28 di Junu as 8 oras.

Vai avê musga, arrasta pé, barracas, batatas assadas i muitas surpresas. Na Rua Americu Brasilienci, isquina di Carulina Machadu — Madurera

Assinadu pela CUMIÇÃO

FESTAS

Transcorreu no dia 24 o aniversário natalício do sr. João Xavier, leitor e amigo de "Momento Feminino", espôso de nossa representante de Bento Ribeiro, Zilda Xavier.

O aniversariante, que é muito estimado no bairro receberá em sua residência, à Travessa Orquidéa, 10, seus amigos, oferecendo-lhes uma mesa de dôces.

"Momento Feminino" deseja ao casal amigo muitas felicidades e ao aniversariante, parabens.

COZINHA

ARROZ DE FORNO

INGREDIENTES — 250 grs. de miudos de frangos; 250 grs. de arroz; gordura; cebola; sal, tomates; 1 colher de manteiga; 3 colheres de sopa de queijo ralado e 50 grs. de presunto picado.

MANEIRA DE FAZER — Pique os miúdos depois de cozidos e misture num bom molho de tomates. Faça um arroz simples e misture com os miúdos e o molho, a manteiga e o presunto e arrume numa travessa de vidro (Pyrex) ou de barro, cobrindo com o queijo ralado. Leve o prato ao forno quente até derreter o queijo.

BIFES A MILANEZA

INGREDIENTES — 150 grs. de açúcar; 6 ovos, 12 colheres de farinha de trigo e umas gotas de essência de baunilha.

MANEIRA DE FAZER — Bata bem as gemas com o açúcar, até que fique espumoso. Junte então a farinha e a baunilha préviamente peneiradas. Por último, as claras batidas em neve. Ponha numa forma untada com manteiga e leve pelo espaço de uma hora a um fogo temperado.

Pode ser recheiada com creme ou doce de frutas.

TORTA ESPONJOSA

INGREDIENTES — Carne de vaca, sal, alho, pimenta do reino, caldo de limão, salsa picadinha; 3 ovos e farinha de rosca.

MANEIRA DE FAZER — Corte a carne em bifes não muito grossos e tempere com o alho socado sal, pimenta do reino socada (2 ou 3 sementes) e o limão. Meia hora antes de fritar os bifes bata os ovos, junte a salsa. Ponha os bifes nos ovos batidos, misture bem e antes de fritar na gordura quente passe na farinha de rosca.

ADVOGADA

ARCELINA MOCHEL

Inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil sob o n.º 5.423

Escritório:
RUA WASHINGTON LUIZ, 32, 2.º — Tel. 23-4295

QANTO VOCE GANHA ?

O aumento dos ordenados está, como se costuma dizer, na ordem do dia. Todos os jornais, revistas e associações falam em "AUMENTO". "Momento Feminino" associando-se a essa campanha que é de todos nós, resolveu fazer uma enquête entre as pessoas das mais variadas profissões para saber, na realidade, quanto ganha cada um e quanto precisaria ganhar para ter uma vida mais ou menos decente.

Logo de início falamos com uma comerciária:

Candida de Matos, datilógrafa:

Ganho 750 cruzeiros por mês, mas precisaria de receber pelo menos 1.500 cruzeiros. E mesmo assim não dava para viver bem.

***

Zilda, telefonista da Casa Lú, casada, respondeu:

— Ganho 1.200 cruzeros por mês. Quanto eu precisava? Ora, minha filha, pelo menos 3.000 cruzeiros. E isso para não ficar com tantas dívidas no fim do mês.

***

Maria, ajudante de um médico do Edifício Carioca, declarou:

— Tiro cêrca de 1.000 cruzeiros por mês. E isso não dá nem para começo de conversa. Só de pensão pago 800. Você acha que posso viver com o resto? Me defendo aplicando injeções em casas particulares. Para viver decentemente eu precisaria ganhar no mínimo 2.000 cruzeiros e trabalhar menas horas.

***

Na "Casa Olga, fomos encontrar um "vendeuse" que declarou:

— Não posso dizer quanto ganho. O patrão proibiu que falassemos em salário. Diz que muitos jornalistas estão perguntando e ele não quer que se fale.

A jovem não quiz declarar o seu nome e apezar de insistirmos, mostrando que nenhum patrão do mundo tem o direito de exigir segredo nesse sentido ela declarou apenas o seguinte:

— Não posso dizer e não quero perder o meu emprego. Mas posso dizer que eu precisaria ganhar pelo menos 2.000 cruzeiros... eu ganho muito menos do que isso.

As leitoras que tirem as suas conclusões sôbre o salário da jovem vendedora.

Trabalho (não quiz dar o sobre-nome) declarou que ganha 1.200 cruzeiros.

— E' muito pouco para a vida de hoje. Há 2 anos que não se ganha um aumento. Eu precisaria de 3.000 cruzeiros por mês. Sou casada, tenho 2 filhos e 1.200 cruzeiros não chega nem para as minhas despesas pessoais!

***

Cleonice de Abreu, professora de um curso ginasial, declarou:

— Ganho 1.900 cruzeiros por mês. Absurdo, não é mesmo? Depois de estudar tantos anos, tenho como recompensa 1.900 cruzeiros que não dão para viver. Tenho ainda que comprar livros, andar vestida mais ou menos... e melhorar de cultura. Como sempre, a cultura fica prejudicada. Procuro outros colégios para dar aulas e mesmo alunos particulares. Só assim consigo ganhar para o meu sustento e de minha mãe. Nossos salários deveriam ser dobrados.

***

E por hoje paramos por aí... Na próxima sexta-feira prosseguiremos nessa enquête, e as leitoras interessadas poderão enviar as suas respostas diretamente para a nossa redação.

NOSSOS PRESENTES

Recebemos de nossa amiga Anita Gouveia uma belíssima bolsa-estojo com todos os pertences para a maquillage; de Madalena Pinheiro uma camisola bordada para batisado de bebê e de outra amiga um "necessaire" em pedrarias (caixa de pó, baton e rouge).

São donativos a serem leiloados em nossas festas em benefício de MOMENTO FEMININO.

Agradecidíssima ficamos.

Especialidade em Roupas de Senhoras e enxoval para casamento e batizados

Joaquina Elias

MODISTA

Rua Dagmar da Fonseca n.º 110 — Ap. nº 103 — Madureira — Rio

Aguardem dia 25 de julho as festas de nosso aniversário

FIGURINOS DE PARIS

4) Uma gola e um laço de piqué branco pousam neste vestido de lã com duas peças. As «abas» são bem degotadas e a saia ampla em forma com uma prega.

Metragem: em 1,40 de largura, 3m. e 75.

5) Uma gola branca e um laço de pois se destacam neste vestido em crepe de lã. Saia com vieses ligeiramente franzidos.

Metragem: em fazenda de 1,40 de largura, 3m. e 50.

6) Um peitilho e vieses de linon plissados e engomados enfeitam êsse vestido de lã fina. Saia em panos. Mangas altas. Cinto de verniz.

Fazenda de 1,40, 3m.50.

1) Uma gola e viéses de piqué branco põem tom claro neste vestido de duas peças, com saia plissada. Túnica com mangas raglan, três-quartos. Fazenda necessária: em 1,40 de largura, 3m. e 75.

2) Uma blusa e uma saia de bordado inglês aparecem em baixo dêste vestido de duas peças em gabardine. Bolero fechado com um abotoamento duplo. Saia em forma.

Fazenda necessária: 3 metros em fazenda de 1,40.

3) Uma gola de piqué branco, enfeita êste vestido de lã cuja saia em panos, se prolonga sôbre o corpete, fechando com 4 botões. Mangas de quimono. Fazenda necessária: 3m. e 50 em 1,40 de largura.